

Relatório

II Módulo - Formação Política em Economia Solidária

Escola Nacional Florestan Fernandes, de 17 a 21 de outubro de 2011

CFES Nacional: Rosana Kirsch e Tatiana Castilla

Organização do relatório: Alan Freihof Tygel

Sumário

Nota do relator.....	3
Introdução.....	3
<i>A Escola Nacional Florestan Fernandes.....</i>	<i>4</i>
<i>Metodologia.....</i>	<i>5</i>
Atividade Intermódulos.....	7
<i>Nordeste.....</i>	<i>7</i>
<i>Sul.....</i>	<i>8</i>
<i>Centro-Oeste.....</i>	<i>8</i>
<i>Sudeste.....</i>	<i>9</i>
<i>Norte.....</i>	<i>9</i>
<i>Debate.....</i>	<i>10</i>
Temas Trabalhados.....	12
<i>Capitalismo e Lutas de Resistência.....</i>	<i>12</i>
<i>Organicidade do movimento – Fóruns Brasileiro e Estaduais.....</i>	<i>18</i>
<i>Economia Solidária no Brasil, na América Latina e no Mundo.....</i>	<i>25</i>
<i>A experiência de comunicação da RECID – Rede de Educação Cidadã.....</i>	<i>42</i>
<i>Rede de educadores.....</i>	<i>49</i>
<i>Planejamento de Atividades - Rosângela.....</i>	<i>52</i>
Avaliação.....	53
<i>1a Etapa - Terça de manhã.....</i>	<i>53</i>
<i>2a Etapa - Quinta de manhã.....</i>	<i>54</i>
<i>Avaliação Final.....</i>	<i>54</i>
Conclusão / Encaminhamentos.....	56
<i>Continuação do CFES.....</i>	<i>56</i>
<i>Terceiro módulo.....</i>	<i>58</i>
<i>O papel do educador na mediação de conflitos.....</i>	<i>58</i>
Outros Temas.....	58
<i>Flavian Mello.....</i>	<i>58</i>
<i>Reunião do FBES.....</i>	<i>59</i>
<i>Campanha Pela Lei da Economia Solidária.....</i>	<i>60</i>
Apêndice.....	62
<i>Vídeos Exibidos.....</i>	<i>62</i>
<i>A Internacional.....</i>	<i>62</i>
<i>Hino do MST.....</i>	<i>63</i>
<i>Lista de Siglas.....</i>	<i>64</i>
<i>Poesias feitas no encontro.....</i>	<i>64</i>

Nota do relator

A elaboração deste relatório se deu a partir da minha participação no encontro exclusivamente com este propósito. Além disso, um dos núcleos base se dedicou a fazer anotações, além de algumas outras contribuições valiosas, como a de Lígia Bensadon, Shirley Alves dos Santos, Rosana Kirsch e Tatiana Castillo. Outra fonte valiosa para elaboração deste relatório foram as apresentações dos facilitadores, que estão disponíveis em <http://cirandas.net/cfes-nacional/formacao-politica-2o-modulo/>.

Ao longo do texto aparecem trechos de debates sem a identificação do autor. São falas colhidas ao longo dos debates e das apresentações, que não representam opiniões pessoais, mas sim sínteses coletivas. Além disso, as falas foram adaptadas e contextualizadas para o formato do relatório.

Finalmente, foram produzidas também notas jornalísticas sobre cada um dos temas estruturantes por Lígia Bensadon, da secretaria executiva do FBES. Estas notas foram adaptadas na introdução de cada tema, como forma de resumo.

- Processos de resistência ao capitalismo a partir da ação de movimentos populares: <http://migre.me/63IQH>
- Debate sobre a organicidade da economia solidária no Brasil e no mundo: <http://migre.me/63IUf>
- Comunicação e percurso formativo são temas de debate na Oficina Nacional de Formação Política: <http://migre.me/63IVe>
- Fechamento do segundo módulo conta com debate sobre rede de educadores da economia solidária: <http://migre.me/63IVR>

Também foi publicada uma matéria publicada no Boletim do MST Rio: <http://www.soltec.ufrj.br/mstrio/enff-recebe-curso-latino-americano-e-formacao-politica-da-economia-solidaria/>, que foi republicada no site do MST: <http://mst.org.br/ENFF-recebe-curso-latino-americano-e-integrantes-da-Economia-Solidaria>, com várias entrevistas com participantes, que podem ser vistas aqui: <http://www.youtube.com/playlist?list=PL1597002415BF1311>.

Introdução

O segundo módulo da Oficina Nacional sobre Formação Política e Economia Solidária foi realizado entre 17 e 21 de outubro de 2011, na Escola Nacional Florestan Fernandes, na cidade de Guararema, SP.

O participantes da oficina foram escolhidos de acordo com a divisão adotada no primeiro módulo: 27 representantes de empreendimento, sendo um de cada estado do país; que esteja participando do coletivo estadual e do Fórum Estadual; 5 representantes de empreendimento de comunidades tradicionais: indígenas, quilombolas, ribeirinhos...; 3 gestores públicos integrantes de coletivo estadual, do Fórum e da Rede de Gestores; 5 educadores de entidades de assessoria local que integrem o coletivo estadual e o Fórum, sendo um por região do país.

Além do curso da economia solidária, a ENFF recebeu no mesmo período 120 estudantes do curso latino-americano de teoria política, vindos de 20 países das Américas Central e do Sul.

A programação foi dividida em temas 5 estruturantes: As lutas anticapitalistas e o exemplo do MST; a organicidade do movimento de economia solidária no Brasil; economia solidária na América Latina e no mundo; metodologias de formação, comunicação e planejamento; e redes de educadores.

Este relatório, na sua parte principal, procura seguir esta estrutura. Além disso, estão descritas a metodologia do encontro, as atividades que ocorreram entre o primeiro e segundo módulo, avaliação feita pelos participantes, e os encaminhamentos da oficina.

Três temas foram tratados em separado: a apresentação do livro “Economia Solidária ou Solidariedad en la Economía”, por Fabian Melo, do Equador; reunião do FBES; e reunião de avaliação e continuação do CFES.

O final do relatório apresenta ainda um apêndice contendo alguns elementos que fizeram parte do dia a dia na ENFF.

A Escola Nacional Florestan Fernandes¹

Situada em Guararema (a 70 km de São Paulo), a escola Nacional Florestan Fernandes foi construída, entre os anos 2000 e 2005, graças ao trabalho voluntário de pelo menos mil trabalhadores sem terra e simpatizantes. Nos cinco primeiros anos de sua existência, passaram pela escola 16 mil militantes e quadros dos movimentos sociais do Brasil, da América Latina e da África. Não se trata, portanto, de uma “escola do MST”, mas de um patrimônio de todos os trabalhadores comprometidos com um projeto de transformação social. Entretanto, no momento em que o MST é obrigado a mobilizar as suas energias para resistir aos ataques implacáveis dos donos do capital, a escola torna-se carente de recursos. Nós não podemos permitir, sequer tolerar a ideia de que ela interrompa ou sequer diminua o ritmo de suas atividades.

A escola oferece cursos de nível superior, ministrados por mais de 500 professores, nas áreas de Filosofia Política, Teoria do Conhecimento, Sociologia Rural, Economia Política da Agricultura, História Social do Brasil, Conjuntura Internacional, Administração e Gestão Social, Educação do Campo e Estudos Latino-americanos. Além disso, cursos de especialização, em convênio com outras universidades (por exemplo, Direito e Comunicação no campo).

O acervo de sua biblioteca, formado com base em doações, conta hoje com mais de 40

¹ <http://amigosennff.org.br>

mil volumes impressos, além de conteúdos com suporte em outros tipos de mídia. Para assegurar a possibilidade de participação das mulheres, foram construídas creches (as cirandas), onde os filhos permanecem enquanto as mães estudam.

A Economia Solidária na ENFF

No começo do ano de 2011, o conselho gestor do CFES definiu que uma das atividades seria voltada para a formação política, e que essa atividade seria feita em parceria com o MST, reconhecendo o acúmulo deste movimento na formação política, de quadros e em educação.

Desta forma, os dois módulos da oficina de formação política foram elaborados em conjunto pelo CFES e a coordenação pedagógica da ENFF. Elementos como a formação de quadros, análise de conjuntura e lutas contra o capitalismo foram as principais contribuições do quadro teórico do MST para o movimento de Economia Solidária.

Mística da ENFF

A rotina da ENFF inclui a realização de uma mística todos os dias pela manhã às 7:45h, após o café e antes do início das atividades. Em todos os dias, ela foi realizada pelos alunos do curso latino-americano.

Nelas, foram retratadas sobretudo a repressão sofrida pelos movimentos sociais, e a beleza das lutas dos povos por um mundo mais justo. A tirania do capital, mesmo que em alguns momentos parecesse invencível, era sempre derrubada pela força de luta do povo.

Após a mística, era sempre executada A Internacional, ao passo que eram hasteadas as bandeiras do MST e da Via Campesina. Em um dos dias, foi executado o Hino do MST.

Em seguida, eram gritadas as insígnias dos grupos presentes. Cada núcleo do curso latino tinha o seu próprio grito. A brigada Apolônio de Carvalho, que são os militantes do MST que cuidam da escola também tinha a sua: “Apolônio de Carvalho, Internacionalista, na formação de quadros para a luta socialista”. E economia solidária: “Economia, é todo dia, a nossa vida não é mercadoria!”

A este momento seguiam-se os informes, e pontualmente às 8:00h todos já estavam prontos para começar os estudos nas Escola Nacional Florestan Fernandes, animados pela mística para mais um dia de luta contra o capitalismo.

Metodologia

A programação do encontro pode ser vista no documento anexo: “Programação do II Módulo - Formação Política.doc”

Núcleos Base

Os Núcleos-Base (NB) do primeiro módulo foram mantidos, e os novos participantes foram distribuídos nos núcleos:

NB1: Deusdeth, Pimenta, Neno, Edigar, Lennise, Shirley, Neusa, Rosângela, Luigi

NB2: Jean, Catharine, Luzia, Katiucia, Andrea P., Jordania, Paulo, Tatiana, Tiana

NB3: Jaqueline, Marcia, Regina, Julio, Margareth, Alany, Rosana, Silvana, Ivone

NB4: Carmita, Janice, Keiko, Ginaldo, Ligia, Penha, Marcos, Silvio, Neia, Alan

NB5: Francimare, Joana, Sonia, Neloy, Andson, Terezinha, Luciano, Lídia

Cada NB ficou com uma tarefa: Infraestrutura, Comunicação, Avaliação, Relatoria, Animação. Em cada núcleo, uma pessoa ficou com a tarefa de acompanhar as reuniões da coordenação, para avaliação e planejamento dos dias.

Acordos de Convivência e Expectativas.

Foram feitos alguns acordos de convivência no primeiro dia: Fazer as tarefas da casa com alegria; Ajustar o relógio e seguir os horários; Feira na terça e quinta após o jantar; Manter a boa energia; Telefone no silencioso; Circular as falas – não rodar no teco; Incluir e acolher os recém-chegados; Grupo se envolver nos vários trabalhos; Priorizar as atividades do encontro; participar e compartilhar; certificados com carga horária; Manter quartos e salas limpas.

As expectativas colhidas no primeiro dia foram: Compreensão, crescimento, retorno para a base, mais conhecimento e coletividade; Organicidade do movimento, qualificação da nossa militância, nossos quadros, não sermos circunstanciais; busca de respostas, aprendizado para a nossa caminhada enquanto movimento, dando continuidade ao processo enquanto multiplicadores; organização na Economia Solidária (ES), formação de um quadro de formadores nacional – rede nacional, bombar a ES; aprender, trocar experiência, continuidade no processo de formação, fortalecer o movimento de economia solidária; compromisso, reencontro, construção coletiva de identidade, fortalecimento do conhecimento da base.

Rádio Cipó – Comunicação

A Rádio TV Cipó foi uma ideia do Núcleo Base 2, responsável pela comunicação. Com o lema: **Comunicação: quem não se comunica se estrumbica**, o objetivo era realizar um programa pela manhã, de 10 minutos, que pudesse comunicar um relato do dia anterior para os participantes e para fora também.

Os programas foram filmados e editados, e se encontram no endereço: <http://cirandas.net/cfes-nacional/cfes-nacional/radio-tv-cipo>

Feira

A feira de produtos da economia solidária dos empreendimentos participantes funcionou nos dias 18 a 21 de outubro, no lado de fora da sala onde ocorreram as atividades.

Por um lado, a mostra foi interessante para mostrar o que se produz na economia solidária, e mostrar também que a militância do movimento se materializa no próprio trabalho. Permitiu aos produtores, que estariam durante uma semana sem produzir, uma certa compensação pelo tempo que ficaram fora do seu trabalho. Outro ponto positivo foi a integração do curso com as outras atividades da feira: os estudantes do curso latino-americano e os militantes da ENFF procuraram a feira ver os produtos e conversar.

Entretanto, o posicionamento da feira em frente à sala gerou uma certa desconcentração da atividade de formação política. Apesar de ter sido definido que a feira só funcionaria nos intervalos – lanches da manhã e tarde, e almoço – a movimentação gerada na porta da sala atrasou a volta ao trabalho. Além disso, alguns participantes deixaram de estar no espaço da formação para ficar no espaço da feira.

É interessante notar que esse conflito entre a comercialização e a formação política foi o principal foco de debates na avaliação das atividades intermódulos. De um lado, o movimento considera fundamental a formação política na definição de uma estratégia para a economia solidária. De outro, os empreendimentos dependem da produção e

comercialização para sobreviver, e se interessam mais pelas discussões sobre realização de feiras do que pela formação política.

Fundamental é que todos tenham claro que: (1) sem formação política, a economia solidária não passa de feira de artesanato; (2) sem empreendimentos fortalecidos, não existe movimento de economia solidária. Assim, há de se chegar numa síntese se queremos de fato construir um movimento transformador.

Noite Cultural

A noite cultural foi organizado pelos núcleos base 4 e 5, e ocorreu no dia 20 de outubro. Foram compradas bebidas e petiscos, e a festa foi ricamente ornamentada com balões, flores de papel crepon e luminárias de vela com cartolina.

O objetivo de integração com o curso latino-americano foi prejudicado devido a uma atividade em São Paulo por eles na noite da festa. Entretanto, os estudantes latinos chegaram por volta das 22:00h e ainda conseguiram aproveitar a noite.

Dentre os estilos musicais selecionados, muito forró e música paraense. Com a chegada dos latinos, a cumbia e a salsa deram o toque final ao evento.

O local da festa – churrasqueira ao lado do refeitório – foi limpo no dia seguinte pela manhã, antes do café.

Atividade Intermódulos

Cada região teve 20min para apresentar o aprendizado em torno da atividade intermódulos realizada, considerando que cada região definiu uma atividade diferente.

A plenária foi aberta após as apresentações para considerações em torno dos aprendizados que os trabalhos realizados trazem para a formação política na economia solidária.

Apenas a região Norte realizou o trabalho enquanto região. Nos outros locais, a apresentação foi feita por estados. Colocou-se fortemente a dificuldade de se realizar atividades regionais, devido às distâncias e particularidades de cada estado.

As regiões deveriam também trazer objetos que as simbolizassem para a mística.

A grande dificuldade, relatada por quase todos os grupos, foi a dificuldade em pautar a formação política em suas bases. Segundo a maioria dos formadores, os fóruns tem muita disposição em discutir organização de feiras, e a formação política fica sempre em segundo plano.

Fica claro que existe um problema metodológico na abordagem da questão. De alguma maneira, a organização de feiras dialoga com o dia a dia dos trabalhadores, e a formação política está se colocando como algo a parte. Cabe aos formadores abordar esse tema de modo a dialogar com a realidade dos empreendimentos, mostrando que além de pensar a sustentabilidade, os militantes da economia solidária devem um projeto de sociedade e uma estratégia para alcançá-lo bem definidos.

Outra dificuldade que foi colocada pela maioria dos grupos foi a agenda de editais que tem dirigido as atividades dos fóruns: “As agendas governamentais tem pautado o nosso debate. Todos citaram que os editais travaram as discussões. Temos que saber definir o que é governo e o que é movimento. Temos que politizar as práticas, somente com atuação conseguiremos concretizar a economia solidária, autogestão.”

A seguir a apresentação de cada grupo:

Nordeste

A atividade escolhida foi **análise de conjuntura**. Ela foi feita usando metodologia trabalhada no primeiro módulo.

CE: Público: EES; Local: primeira feira da primavera em Fortaleza, 7/10, 12 pessoas. Oficina de análise de conjuntura, duas horas. Dificuldade: articulação do evento, público, local, recursos. Resultado: dever cumprido, conseguiu-se passar o que foi aprendido, houve percepção de que há mais ferramentas a serem exploradas. Seria necessário 2 dias.

PB: Reunião microrregional do fórum da mata. Público: EES, incubadoras, entidades, gestores. Proposta: levar o entendimento de como se fazer uma análise de conjuntura. Já houve atividades semelhantes, mas os EES apenas responderam às perguntas. Desta vez, houve um público de 38 pessoas, foi passada a metodologia em si. Fala dos EES: "Nossa, eu fiz parte!" As pessoas não conheciam o método. A análise foi feita no encontro estadual, mesmo sem a presença da pessoa que foi formada.

AL: Leitura do PPP: Marco situacional, marco doutrinal, marco operativo, estratégia política, formativa, rede e fórum. Documento denso, difícil. Documento não chega aos estados.

RN, BA, SE já estão com atividades programadas.

Sul

O símbolo escolhido foi a **cuia**. O momento do chimarrão é como uma ciranda, passando de mão em mão, e sempre há espaço para mais um. É um momento de focar e construir coisas legais.

A atividade escolhida no RS foi a **aproximação com o MST**. Espaço e tempo foram limitados. Problemas com a 13a feira estadual: disputa por espaço, vai ser cedido para a Coca-Cola por conta da copa do Mundo.

Houve dificuldades de conseguir educadores do MST para ir nas oficinas. Coletivo do CFES chama-se semeadores, se junta para além do projeto. Foi detectado preconceito das bases em fazer parceira com o MST. Passou DVD da ENFF no CFES estadual, e algumas pessoas questionaram o MST - baderneiros, etc... Princípios da Economia Solidária são colocados, mas não praticados. Enquanto não entendermos o capitalismo, como ele nos atinge, não podemos falar de economia solidária. Temos que entender primeiro o capital, depois falar de economia solidária. Houve resistência quando foi falado sobre marxismo.

Em SC foi melhor. Base está sempre pensando na produção. Como vamos para as feiras, logística, e por isso a formação política sempre emperra. Problema está nos formadores, que não falam disso, e produtores não querem saber disso. Foi feita **análise de conjuntura no CFES e das feiras**.

Limitações da reflexão prática: como aliar teoria e prática? Cada vez que voltamos desse módulo estamos melhores. Vamos continuar tentando. Tivemos dificuldade de fazer intermódulos regionais.

Centro-Oeste

A atividade escolhida foi o **Projeto Político Pedagógico (PPP)**.

GO, MS e DF:

PPP: trabalho de redações coletivas. Atividade regional, retorna para os estados,

reedições, retorna para o regional, é uma produção dinâmica e coletiva. Pesquisa de territórios, regiões. Coordenadora pedagógica tem acompanhado os debates nos estados. Metodologia democrática, horizontal. Carta de princípios da rede de formadores no MS e DF. Formador ou educador? Mais para educador. Cada coletivo tem sua representatividade, seus delegados.

PPP sendo feito há dois anos. Processo de muita aprendizagem → pesquisa sobre o cerrado, biomas, agronegócio e perspectiva para ecosol, quais áreas tem EES, quais não tem, quais tem potencial. Motivação para o empreendimento.

Caderno de estudos: informação foi socializada, e para o futuro fazer as contribuições usando e-mail, telefone e cirandas. Nome da rede da região centro-oeste? Proposta: rede ipê-amarelo, outra educação é possível; semeadores da alergia, da reflexão (análogo a NB), percurso formativo.

Sudeste

A atividade escolhida foi o **aprofundamento do estudo do socialismo**. Não foi feito trabalho coletivo.

ES: colocou a proposta do estudo, mas não sentiu abertura para o debate. RJ teve reunião, mas entrou num ouvido e saiu pelo outro. Fórum de MG não se reúne desde fevereiro. Houve apenas estudos individuais.

Socialismo e militância na Economia Solidária: Tentativa de levantar na região quem são os formadores. Quem é você, onde você está, o que está fazendo. Dificuldade em fazer isso. Muita gente é formador mas não é militante.

Interior de SP: três momentos: fórum do noroeste paulista teve dificuldade grande de colocar o tema, pela maior preocupação com produção e vendas.

Com relação ao socialismo, foi feita uma reunião em casa com alguns EES de cultura; Foram escolhidos textos e leituras do Leonardo Boff, sobre o novo design social com base na economia solidária. Henrique Novaes: socialismo autogestionário.

MG: **oficina de análise de conjuntura**. Grau de alienação muito grande; trabalha como autogestionário, mas a visão é capitalista. É difícil fazer análise de conjuntura, as discussões sempre puxam para vendas, para os problemas pessoais. Fizeram oficina de economia solidária e socialismo, debatendo Lenin, Mezaros, e Gramsci. Nossa grande tarefa é trabalhar e ler esses pensadores. Mas não é fácil multiplicar isso na base. Economia Solidária é socialismo. Temos o desafio de transformar linguagem culta em linguagem popular.

BH: Formação será feita no Fórum metropolitano. Problema: dificuldade do empreendimento é outra; gestor já vem com bagagem, empreendedor não. Temos que fazer formação em todas as reuniões, perguntar em cada reunião quem está pela primeira vez, e fazer formação em separada.

RJ – Colocou na reunião do fórum a necessidade de formação socialista. Problema: todo mundo quer comercializar. Ideia de fazer formação política no CIEDS. Definiu-se que nas primeira horas da reunião do fórum será feita formação política.

Norte

A região norte realizou o estudo dirigido do caderno de estudos da ENFF. A atividade escolhida foi a realização do **PPP**.

AM e AC fizeram o primeiro módulo, dividido em duas vezes. RR fez completo. Todos os

estados fizeram o PPP, e depois será feito o PPP regional. Norte é muito desafiado para reuniões regionais. CFES Amazônia vai fazer encontro.

AM: Ideia de fazer GT de formação do fórum estadual como rede. Realizar encontro de formadores entre Amazonas e Roraima. FEES e CFES: elaboração de cartilhas sobre formação, sobre o que foi o CFES, e sobre como o fórum quer fazer o processo de formação no AM.

O Fórum é bem organizado, e tem maioria de empreendimentos. É composto por vários GTs: projeto, articulação política, comercialização. Fragilidade: formação para os empreendimentos, está em todos os lugares. Não faz sentido nós ficarmos dentro do processo, e não trazer a base. Resistência grande em relação a formação política. Empreendimento já se organizaram para trabalhar e consideram formação política perda de tempo. Mas a fonte pode secar, e aí não se prepararam. Quem é o protagonista? RECID, MAPA? Estamos no estado campeão de corrupção. Mas nós vamos chegar lá. Vamos voltar e enfrentar o desafio.

RO: Dificuldade da formação política nos 3 polos do fórum. EES estão no ativismo da luta diária, mas longe fazer a contextualização da sua leitura da realidade. Grupo de formadores é pequeno, e não são especificamente da economia solidária, mas trabalham com agroecologia e agricultura familiar. Foi construída agenda de formação até março, mas formação política ainda não está na pauta.

TO: Não temos condições de ser economia solidária enquanto tivermos brigas veladas dentro do grupo. Oficina de espiritualidade: pessoas deveria se olhar a si mesma, o que a pessoas estava fazendo de fato para a economia solidária? Paramos, não nos consideramos fórum. Como vamos chegar aos empreendimentos? Recid ainda não conseguiu contornar essa situação .

Debate

Formação política é teoria? Não! Formação política e economia solidária são práticas! Autogestão é pratica! Não adianta falar de autogestão se não é pratica.

Questão: como fazemos para colocar formação na agenda da base – prática. Resistências sobre relação com MST. Somos diferentes? Somos, mas tem muitas coisas que nos aproximam.

Resistência em relação ao trabalho de formação. A feira é espaço de formação! Análise de conjuntura na feira.

Dificuldade metodológica: como fazer? Formação política prática ou teórica? Princípios da economia solidária não caem do céu, vêm da prática.

Centro-Oeste tem poucas entidades de assessoria. Participação maior do EES como formadores. Toda oficina tem parte prática, que procura trabalhar com problemas dos EES.

Oficina produção de vídeo: devemos nos empoderar dos processos em vez de alguém fazer por nós. Talvez o produto fosse melhor, mas não teria a riqueza do aprendizado nesse processo. Quando vamos não pra ensinar mas pra aprender, eles se veem como protagonistas. Prioridade é venda porque a pessoas vivem disso; formação deve ter resultado prático; mesmo formação política deve ter resultado prático.

América Latina reconhece a diversidade de suas populações em lei. Quem sabe não trocamos com nossos *hermanos* esse conhecimento?

O Trabalho de base passou pela dificuldade do imediatismo. **Leva tempo pra passar da geração de renda para transformação da sociedade.** Não devemos diminuir essa

questão da linguagem: da geração de renda; usar outras linguagens, teatro, etc...

Dificuldade: mulher não podia sair do estado para formação pois não podia para a produção. Como trazer essas pessoas que fazem economia solidária no dia a dia pra discussão política.

Inquietação é o que nos move. Não vai acabar. Agendas governamentais pautam o nosso debate. Todos citaram que os editais travaram as discussões. O que é governo, o que é movimento? Diálogos: exemplos práticos para construção de políticas. Politizar as práticas. Só com atuação consegue concretizar a economia solidária, autogestão.

Tempo: a partir da exclusão do trabalho, abriu-se uma porta não sabiam o que era. Tem o tempo da necessidade (contas e fome): urgente! Prática e formação leva anos. Como podemos cobrar?

Aprender fazendo: despertar nas bases o sentimento da formação política através do PPP. Aprender fazendo, fazer com quem? O maior problemas não foi agenda governamental, foi fragilidade interna. Já havia outras atividades agendadas: CFES, FBES, Diálogos e Convergências.

Fragilidade: preocupação desmedida com comercialização. Fazer o movimento de economia solidária é produzir de autogestionária. Dificuldade: como trazer isso para os espaços de formação? Editais não são ruins, desde que sejam deliberados pelo movimento.

Temas Trabalhados

Capitalismo e Lutas de Resistência

Este tema foi trabalhado no dia 18/10, pela manhã. O objetivo era fazer a apresentação de processos de resistência ao capitalismo a partir da ação de movimentos populares, apresentando em especial a experiência do MST.

O tema foi tratado no começo da oficina pois o objetivo era que ele fosse um fio condutor do processo. Desta forma buscou-se entender o capitalismo, entender as lutas anticapitalistas e somente depois mostrar a economia solidária como uma entre tantas formas de enfrentar o modelo dominante.

Essa condução reforça a necessidade da formação política, do estudo das lutas passadas e presentes, e do próprio funcionamento do capitalismo para o entendimento do que significa a economia solidária. Com isso, pretende-se colocar com clareza para dentro e para fora do movimento a economia solidária como alternativo ao capitalismo, e não como um remendo deste sistemas.

Para introduzir o tema, foi convidado Valmor Schiochet, da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), para apresentar um panorama das lutas anticapitalistas, e Gustavo, da Concrab, para mostrar o caso do MST em profundidade.

Dentre os principais aspectos trazidos pelo debatedor Valmor sobre o tema dos processos de resistência ao capitalismo, foi a necessidade de estudar e aprender com as experiências anteriores de transformação social e luta, isso porque "temos que estudar este histórico, o conjunto de determinações históricas que nos levam a nossa realidade, para isso a necessidade de estudar e debater alguns pontos, como: o Histórico das lutas anteriores, a realidade que queremos mudar, aonde queremos chegar e qual estratégia adotar.

Já Gustavo pontuou os principais elementos e acúmulos da construção e da luta do movimento dos trabalhadores sem terra:

- Conquista será obtida pelos trabalhadores e não pelo capitalismo ou pelo estado;
- A luta deve ser massiva;
- Deve haver sempre conquistas concretas, com marcas na histórica e que permita o acúmulo de forças, como a organização de um assentamento ou de uma cooperativa;
- Organização do movimento, que tenha organicidade, funcionamento e ideologia, existindo pra dentro e pra fora, na disputa junto a sociedade;
- Estudo do processo histórico de lutas, como das resistências no Brasil, URSS, Comuna de Paris, etc;
- Conhecer a realidade que se quer alterar - análise de conjuntura;
- Ter um projeto político claro – o socialismo;
- Ter estratégia para atingir seu projeto político: cooperação como princípio organizativo;

Além disso, Gustavo também pontuou algumas das diversas contradições que permeiam o trabalho em cada um dos aspectos destacados acima. E nos debates, os educadores também realizaram a reflexão a partir de suas práticas no movimento de economia

solidária.

Valmor

Qual sentido de nós estarmos aqui: nós queremos transformar o mundo, a realidade em que vivemos. Além de nós da Economia Solidária, muitas pessoas já quiseram transformar o mundo, muitas deram a vida por isso. Mesmo assim o mundo continua essa merda que esta aí. E ainda queremos seguir lutando. Diante disso, quais são as possibilidades?

Temos uma identidade: Economia Solidária. Entendemos que ela oferece elementos importantes fundamentais para transformar a sociedade, mas não somos os únicos. Por exemplo, estamos numa escola com 120 latino-americanos de outros movimentos com o mesmo objetivo, mas que provavelmente têm outras identidades e outras maneiras de fazer a transformação.

Qual a necessidade da formação: ter a capacidade e a necessidade de refletir, com muita profundidade, sobre as questões fundamentais para dar conta daquilo que queremos fazer. Precisamos ter clareza do que propomos se queremos transformar o mundo.

Para isso, listo algumas tarefas:

1) Precisamos **conhecer muito da experiência histórica**, de outros que se organizaram para transformar o mundo. Precisamos estudar todos os processos históricos de pessoas como nós. É tarefa de qualquer militante compreender a realidade, e estudar sobre gente que quis, lutou pra isso, mas não conseguiu transformar o mundo.

Nessas lutas todas que aconteceram, o mundo foi transformado, os processos provocaram algumas mudanças no mundo. Não realizaram o objetivo que se desejava, mas provocaram transformações da realidade.

2) **Conhecer a realidade que vivemos hoje**. Saber o resultado das lutas anteriores. Entender o conjunto de determinações históricas que levaram à realidade que vivemos hoje. Capacidade prática e capacidade de análise, categorias, caracterizar a realidade que vivemos.

3) **Definir qual é o nosso projeto**. Mundo melhor que o de hoje, realidade vivida a partir de princípios e práticas diferentes daquelas que nós discordamos: justiça igualdade, solidariedade, liberdade, etc...

4) Definir qual é a nossa **estratégia**. Tarefa mais difícil: como chegar até o nosso projeto. Não repetir experiências passadas que tentaram transformar a realidade e não conseguiram. Não podemos dizer que começamos agora e que somos donos da verdade.

Tudo isso exige formação.

Do ponto de vista histórico, muitas pessoas tiveram forma de organização semelhantes a economia solidária. Quilombolas: autogestão do território; Luta dos trabalhadores no centro de expansão capitalista europeia, autogestão como forma de organização em momentos chave da resistência. Exemplo: comuna de Paris. Todos os elementos da economia solidária estavam presentes nessa história. Liberdade e igualdade na relação entre homens e mulheres; aboliu-se o casamento forçado. Teses da economia feminista.

Algumas experiências dos trabalhadores que compartilhavam os princípios da economias solidária, e enfrentaram diretamente os grupos dominantes foram derrotadas militarmente.

Experiências de economias solidária não são suficientes por si só para provocar mudanças. Isso exige um poder mais forte para provocar transformações a longo prazo.

Esses exemplos provocam a tese de que os trabalhadores precisam se organizar

militarmente, pois só assim se pode fazer o enfrentamento para tomada de poder. O poder militar derrubou a autogestão; logo transformação só pode vir através do estado; logo deve ser feita de cima pra baixo.

Problemas concretos: trabalhadores querem mudar o mundo, mas essa mudança exige uma conjuntura de força. Como transformar o que fazemos em uma força de fato capaz de mudar o mundo. Para isso, precisamos discutir nossa estratégia, a partir da realidade em que vivemos.

Experiências da autogestão sempre estiveram ligadas a processos revolucionários. Singer diz que autogestão é forte em momentos de crise, mas também em momentos de revoltas e de revolução.

Hoje isso não está associado a forte processo de mudança, radicalização; talvez em Bolívia e no Equador, mas no Brasil não. Temos um desafio: como tocar esse processo num momento em que não se coloca uma transformação do mundo. Não há processo de mudança em curso.

Não está colocado um momento de revolução. O que fazer nesse momento? As bases não estão colocadas. Podemos nos acomodar ou contribuir para construir as condições de revolução. Isso não depende apenas de nós. Isso também depende da lógica ou da forma com que a sociedade se coloca. Vivemos hoje um ambiente de melhoras sociais para milhões de pessoas, o que não favorece um ambiente de revolução.

Desafio: como colocar a transformação do mundo num momento essa transformação não está sendo colocada.

Gustavo

Discurso político do MST através da cooperação. Colocarei nove pontos essenciais, suas contradições e possibilidades para economia solidária na construção de um bloco histórico de esquerda

1) **O MST é construído por trabalhadores**, a organização é feita pelos trabalhadores, fazemos aquilo que nos diz respeito. Não adianta esperar que possa vir de algum tipo de política social. Conquista virá apenas pela luta dos próprios trabalhadores.

2) **A luta deve ser massiva**, não pode ser dispersa. Exemplo: processo de luta pela terra. Não haveria nenhum tipo de desarticulação pelo próprio latifúndio, como ocorreu em outros lugar do mundo. Sem vantagem numérica não haveria derrubada de cercas.

3) Deve haver **conquistas concretas**. Cada ocupação é fruto de uma luta, e início de outro. Acúmulo de forças.

4) **Organização**: conquistas não se sustentam se não estiveram amparadas por uma organização. Três itens acima se concretizam na organização:

4.1) Instituição material, hierarquias, regimentos, **organicidade**;

4.2) **Depositário de ideologia**, disputar os rumos ideológicos; pautar a sociedade nas suas contradições, o capitalismo nas suas contradições.

5) **Estudar o processos históricos de lutas** que levaram à organização do trabalho: quilombos, na Europa: comuna de paris, soviets, autonomismo continental, processo cubana, salvadorenho.

6) **Conhecimento da realidade**. Fazer com que os trabalhadores tenham compreensão da sua própria realidade. Como organiza essa problematização? Organização do processo de conhecimento. Conscientização coletiva. Análise de conjuntura.

7) **Clareza de projeto.** Onde queremos chegar. Socialismo. Nos organizar de forma a construir o socialismo. Sem exploração, valor de uso sobre de troca, humanização do processo de trabalho.

8) **Estratégia:** dar os passos de modo a se manter fiel. Luta pela terra, manteve ocupação; luta ideológica contra as multinacionais: Cutrale, Cargil, Monsanto, Aracruz, etc... Temos a cooperação como princípio organizativo. A Concrab foi a organização jurídica para atender as necessidades das cooperativas e na disputa ideológica a OCB.

Contradições:

1) **Diversidade dos trabalhadores.** Quem são os trabalhadores? Identidade difícil. Trabalhadores que o MST organiza não possuem identidade como trabalhadores em comum. Ideia de que todos são sem terra vai sendo criada. Apenas 10% são filhos de agricultores que perderam a terra. Mais pra organização do povo, dos pobres, do que dos trabalhadores rurais sem terra. Tarefa do MST é dar a identidade de trabalhadores sem-terra.

2) **A luta massiva é incontrolável.** Estamos num período de descenso de massas, mas o processo pode retomar. Podemos transformar movimento de massas numa organização de massa? É possível dirigir uma organização de massa?

3) Conquistas concreta: **acomodação ou acúmulo de força?**

4) Organicidade: tarefas internas atropelam tarefas externas.

5) Contradição: **processo de estudo pode gerar ortodoxia.** Como estudar sem que vire escolha de autores, briga entre autores, começa a apagar as experiências. A matriz que orienta é muito mais europeia, soviética e asiática do que latino-americano. Exemplo de ortodoxia: Cendero Luminoso.

6) **Envolver as pessoas no processo de análise.** Difícil alcançar a parte da educação popular. Fazer com que os sujeitos pensem criticamente. Conciliar o lado de dar direcionamento político com o tempo que é necessário para o processo de educação popular.

7) O **socialismo é intrinsecamente contraditório.** Cooperativismo: CONCRAB é contraditório: deve atuar sindicalmente? Deve acessar convênios.

Síntese: Contradições não são ruins, mas devem ser abertas. MST tem clareza no seu direcionamento político, e isso não elimina as contradições.

Debate

Cuba é exemplo a ser seguido?

É um dos vieses de ver as derrotas da autogestão. Lá houve estatização ao invés de autogestão. A justificativa foi resistir ao ataque externo. No entanto, devemos entender a autogestão nos processos revolucionários, não buscar modelos.

A revolução cubana é essencial. Quem segurou toda onda simbólica e política durante as ditaduras latino-americanas foi cuba, devemos segurar a onda deles agora. A pior derrota seria Cuba sair do nosso panteão.

Quais são essas condições que não temos hoje? Será que a ausência dessas condições tem relação com o governo supostamente popular? Governo Lula contribuiu para acomodação dos movimentos, ou permitiu acúmulo de forças?

O processo de transformação precisa de resultados concretos. A vida das pessoas

precisa melhorar. A contradição é não deixar que isso se transforme em acomodação. Compreender como um passo do processo histórico.

Como era a organicidade da economia solidária até a SENAES?

Vimos da Teologia da libertação, CEBS, MST, sindicatos. Na década de 1990, pensamos: vamos cooperar? Foi a década da derrota nas eleições de 1989. Pobreza, exclusão, miséria. Daí surge a economia solidária como resposta dos trabalhadores à crise. Opção de movimento para a crise. Não era estratégia: era resistência, resposta a crise.

Na década de 1980, estávamos todos juntos na luta pautada pelo democracia, pelo estado democrático, pela cidadania. A economia solidária é herdeira dessa luta. Nós queremos direitos: direito à cooperação, à organização coletiva, mas econômica. Isso está na base da SENAES, na base da SEPM, luta anti-manicomial, dos quilombolas, catadores, etc...

Chegamos a um governo que criou a SEPM, SENAES. Mas para chegar ao poder, faz-se acordos e o governo hoje é resultado disso. O que fazemos dentro desse governo? Ele fez isso tudo, mas continuamos pagando 40% para o sistema financeiro.

Filhos dos assentados?

Juventude do MST: pra dar certo a autogestão, cooperação tem que ser um processo geracional. Não vamos vencer nada com experiências de 5 anos. CPT e indígenas conseguem fazer o debate de geração; criação de lideranças, formação de quadros. Nossas histórias são muito curtas. Bolívia e Equador: pensam ancestralmente.

Temos muitas experiências de assentados que foram acampados, 3 gerações, ou foram continuar o movimento na cidade.

Processos que estão ocorrendo na Europa e EUA pode levar a um processo revolucionário?

Revolutas no mundo: não conhecemos nada do mundo árabe. Não conhecemos a China. EUA e Europa: crise é real, perda de direitos sociais. Sempre existiu crise; o problema é que o capitalismo se expande na crise. Ao mesmo tempo de crise, temos uma expansão da lógica de organização do capitalismo: Índia e China. Crise ainda precisa de mais tempo para ser compreendida. Dificuldade de consenso sobre o que está acontecendo.

Como veem a aproximação entre economia solidária e MST? Qual socialismo devemos seguir? Economia Solidária também tem como projeto o socialismo?

1) Existem muitos preconceitos, a partir de opiniões rapidamente formadas. Perigo que tem que atacado com formação, projeto político claro, e mais conversa.

2) Economia solidária é saída para o movimento trabalhar com os acampados → governo federal não dá opção nenhuma.

3) União no processo de busca para o socialismo. Retomar o socialismo como direção.

Brasil e China com processos de crescimento e democracia prejudicam o processo de massas? Acúmulo do PT pode levar ao ascenso de massas?

Com as mudanças no Brasil, não temos mais clareza onde estamos, esquerda direita. O Estado pode facilitar conquistas concretas, mas nunca vai dar direção política. Essa responsabilidade é nossa. Ainda tem gente que pensa que é melhor manter acampado do que assentar. Tem que melhorar. Está havendo melhora. Mas não podemos acreditar no canto da sereia e temos encontrar o nosso método.

Conquista de direitos gera contradições. Luta por direitos é válida na medida em que é

acúmulo de força. Para Marx, direito é ilusão burguesa.

Contradição: crise das formas de representação – sindicato e partidos

Crise das representações: partido e sindicato dizem pouco, mais ainda dizem muito. Voto ainda é muito importante. Como a economia solidária lida com isso? Na discussão do PL, partidos e sindicato tiveram participação importante.

Sobre o MST

O que é o MST? Movimento sindical, que gera melhoras para os trabalhadores. Movimento Político, que luta por direitos. E movimento revolucionário, que caminha na direção para revolução.

Tecnologia no MST

O movimento fica para trás. Ela pode ser destrutiva, mas é uma realidade. Cuidado para não ter discurso tecnológico, mas discutir qual tecnologia e como se apropriar dela.

Organicidade do movimento – Fóruns Brasileiro e Estaduais

Na terça-feira à tarde, os debates estiveram em torno da atuação dos fóruns estaduais e locais de economia solidária, partindo de uma dinâmica e da apresentação dos critérios de reconhecimento e de avaliação de um fórum local. Na sequência, os debates foram norteados pelas seguintes questões: O que faz as pessoas entrarem no fórum? Porque alguns membros não participam? Como ocorrem as atividades? O quanto nossa organização dá conta do nosso projeto político?

Alguns pontos destacados no debate foram: a necessidade de criação de instrumentos de mediação de conflitos nos fóruns; a atuação de entidades, gestores e de membros que contradizem a proposta da economia solidária, gerando conflitos e disputas; a falta de informações sobre a economia solidária e o desafio de se criarem instrumentos que facilitem o acesso para locais que não tem internet; a melhoria de vida que tem que começar pelo próprio trabalhador; a importância de viver os princípios aonde o exemplo faz frutificar a proposta de transformação e luta.

Facilitando os debates, Tiana Almire da Coordenação Executiva do FBES e Luigi Verardo da Anteag, trouxeram importantes elementos. "A organização só acontece com gente comprometida e informada, temos que trabalhar para criar unidade na diversidade. Além disso, a articulação com os outros movimentos sociais não quer dizer que eles sejam também economia solidária ou que a gente se incorpore neles, não podemos fundir as coisas. Se não tivermos clareza de nossa identidade, poderemos nos perder na articulação com outros movimentos", colocou Tiana Almire.

E Luigi colocou a questão da educação para a autogestão e a coerência entre prática e teoria: "A prática determina a ação, o método determina o fim. Temos que formar para e pela a autogestão (ensina e aprende). Nosso método é distinto de muitos outros, é em, para e pela autogestão".

No período intermódulos, os participantes responderam as seguintes perguntas acerca de seus fóruns estaduais: Quem participa; Composição da coordenação; Definição da coordenação; Grupos de Trabalho; Secretaria executiva; Fóruns Locais; Atividades realizadas; Regularidade reuniões; Regularidade Plenárias; Comunicação; e Planejamento.

Reconhecendo a fragilidade destas perguntas, os educadores e membros dos fóruns locais se dividiram por região para pensar quais são as outras questões necessárias para atender ao que nos propomos. As perguntas estão sintetizadas aqui: Questionário para mapeamento Fóruns Estaduais.

Tiana

Estamos construindo o movimento. Para ser um movimento, temos que ter algo para nos contrapor: capitalismo. O que ele traz que não é bom pra nós:

C	A	P	I	T	L	S	M	O
concorrência	alienação	poder	imperialismo	terrorismo	lucro	servidão	miséria	opressão
corrupção	ambição	pobreza	individualismo	tutela	liberalismo	submissão	mercantilização	ódio
centralismo	autoritarismo	perigo	ilusão	toiotismo	latifúndio	sofrimento	mercado	obrigação
	atraso	privação	intolerância	tortura	larápio	subordin	ria	oligarquia
						subordin	morte	

concentração consumismo Controle Consequências	ausência	privatização patrão	a indignação imobilização impotência insustentável insatisfação		ladrão	ação solidão suplício sectarismo	medo mão invisível mercado	
---	----------	------------------------	---	--	--------	---	----------------------------------	--

E o que a economia solidária traz de bom e positivo para nós?

E Educação Ética Esperança Empoderamento Equidade Estratégias	C coerência cooperação construção criatividade cooperativismo	O Organização	N Novo Natureza	O Oportunidade	M Moralidade Movimento Mútuo Meio Ambiente	I Igualdade Identidade Ideologia	A Autonomia
---	--	------------------	-----------------------	-------------------	--	---	----------------

S Saúde Socialismo	O Organização	L Liberdade Luta	I Identidade Informação	D Diversidade Direito Desenvolvimento	A Amor Acessibilidade	R Respeito Revolução Redes Resistência	I Inclusão Institucionalidade	A Associativismo Alegria Autogestão Alternativa
--------------------------	------------------	------------------------	-------------------------------	--	-----------------------------	--	-------------------------------------	---

Somos um movimento social que estamos construindo uma nova proposta. Como está nossa organização? Damos conta de combater o monstro e criar isso que falamos? Como está a nossa transformação interna?

Foram apresentados os documentos **Avaliação dos Fóruns e Quadro da Economia Solidária**, anexos a este relatório.

Debate

Acabamos de ver ferramentas para olharmos pra essa realidade em que trabalhamos e ter uma leitura. Quem participa, e porque, o que acontece. Informações importantes para nós educadores. Analisar correlação de forças pra dentro e fora do fórum. Organizações que estão fora e queríamos que estivessem dentro? Vimos citado o Sebrae... o que é o

fórum? O que entendemos por Economia Solidária? Existem **limites para o diálogo!**

Sobre a articulação com outros movimentos, temos que refletir se eles teriam que estar dentro do fórum. Deve haver uma relação de articulação para juntar forças na construção de um projeto.

Sobre a Carta de adesão: como se entra no fórum? Porque as pessoas vem para o fórum? Para mudar o mundo? Cartas de adesão serviria pra isso.

No último levantamento chegamos a 130 fóruns, agora não chegamos a esses todos. Temos que pensar o quanto essa organização dá conta do nosso projeto.

Rio tem 14 fóruns, alguns meio capitalistas. Sebrae é capitalista, é faz parceria com prefeitura para legalizar tudo, choque de ordem.

Ameaças que temos são o Sebrae e os grandes projetos: Hidrelétricas, Copa do Mundo, etc...

Vamos pautar o governo ou deixar ser pautados? Não estamos dando conta de fazer as duas coisas: organicidade + editais e projetos. Fóruns de MG estão enfraquecendo. Não demos conta até agora de definir o que é economia solidária. **Ou assumimos o socialismo como norte ou morremos.** Palavras fortes que nos orientam. Nunca sentamos para discutir que sociedade queremos. Precisamos aprender isso com o MST. Contradições estão postas e exigem uma tomada de decisão.

Uma dificuldade nos fóruns é fazer **mediação de conflito**. Pedido a coordenação estadual que faça isso como formação política. Existe uma confusão na articulação com outras redes. Exemplos: Fórum EJA. São uma rede de formadores, mas não são integrantes do fórum. Como articula com o fórum de trabalho escravo? Garantindo identidade do movimento.

Economia Solidária até tenta fazer aproximação com outros movimentos, mas temos que saber se eles querem, se já pensaram nisso. A maioria dos fóruns está meio capenga. Distância, custo, menos gente. Quem não reflete, repete. Quem planeja, faz. Falar de Economia Solidária como alternativa dá a entender que seguiremos lado a lado com o modelo atual. Temos que falar em transformação.

Pensamos numa nova sociedade, num novo mundo, mas precisamos viver aspectos deles agora. Tem coisas nos fóruns que não correspondem a isso, tem entidades capitalista, burguesas, e mesmo assim estão falando em economia solidária. Quem vai compor os fóruns, que são nosso espaço de política ideológica? Como estão nossos empreendimentos? Temos muitos militantes de economia solidária que não estão nos fóruns. Estão fazendo discussão fora dos fóruns, e nos fóruns é só empreendimento, feira, etc. Onde a militância discute e onde atua. "Assessoria é uma coisa, militância é outra!" Estamos aqui discutindo, mas quem está agindo nos empreendimentos são o Sebrae, Unitrabalho,...

Economia Solidária é expressão dos movimentos sociais ou estamos criando um mundinho à parte? Existe muito aventureiro no movimento, construindo um mundinho que não existe. Olhando para os dados de Manaus parece uma maravilha. Estamos inventando um movimento? Visita do fóruns aos estados: tem que ter, para quebrar as coisas que não existem. Fofoca é um instrumento de guerra, as vezes destrói os verdadeiros militantes. Muita gente dos movimentos desistiu da economia solidária. E os sindicatos, que são representação dos trabalhadores, onde estão? Instrumentos de análise preocupam, porque podem ser instrumento de mentira.

Mapeamento

Ainda não nos conhecemos. Esperar pelo mapeamento é um erro. São dados

quantitativos. Temos que ir na casa do fulano, saber o que faz. Reconhecer quem faz parte, o que produz, etc... PPP não está acontecendo. CFES não se manteve. Empreendimento que tem laranja em que o dono é gestor; entidades com gestores como dono. Existem fragilidades institucionais pesadas. Não vai terminar esse ano.

São Paulo - Identidade

O fórum representa economia solidária no estado de SP? O movimento é socialista? O movimento ainda não tem identidade política. Discussão com todas as correntes constrói a hegemonia. Economia Solidária é coisa nova nos partidos. Disputa dos segmentos dentro do fórum, saudável na medida em que os três têm interesses, mas a reunião parecia um ringue. Conseguiu formar rede de formadores. Conseguiu superar essa divisão, e formou a rede estadual de formadores.

Autogestão

Rede de formadores sudeste, agindo de acordo com os princípios da economia solidária. Mas entidades não trabalham com autogestão, nem o governo. E cobram isso dos empreendimentos. Como podemos avançar na autogestão assim? Fala pra todo mundo fazer, dá formação, mas eu mesmo não faço. Existe um mundo da fantasia nos fóruns. Temos que cair na real. Somos militantes ou muristas? O que estamos fazendo dentro do fórum. O que estamos construindo?

Técnicos x Militantes

Dever nosso trabalhar a formação regional. Rede de gestores, rede de entidades. Entidades apenas contratam técnicos que não são militantes. Quando os empreendimentos discutem, deixam entidades e gestores apavorados. Existem muitos militantes aproveitadores, circunstancialistas.

Papel do Educador nos conflitos

Fórum estadual é espaço de disputa de poder. Isso traz militantes muristas e oportunistas. Como podemos enquanto educadores transformar esses espaços em lugares de construção? Banco de dados de experiências do FBES pode ajudar na solução de conflitos. Temos que ter capacitação em gestão de conflito.

Sergipe: gestores e assessorias

Saímos da reunião mais desestimulados do que animado. Quando não faz, é acomodado. Quando faz, é cooptado. Cenário de decadência nas assessorias, sobretudo nacionais. Gestores não são avaliados; parecem não ter nenhum tipo de avaliações, isso atrapalha muito o trabalho no Sergipe.

Projetos da SENAES não tem considerados as bases. As vezes aparecem entidades de outros estados. Não entendo porque não existe equipe estadual do CFES.

Formação ainda não é priorizada pelo EES. Decadência nos espaços de comercialização, na produção de artesanato, consequência da desvalorização do trabalho.

A bandeira da Economia Solidária

Temos bandeira sim. Mas quem carrega? Vemos o outro carregando a bandeira? Antes trabalhamos com ANA, ASA, SEDH. No CFES, todo mundo se sente contemplado. Como vamos fazer o controle? Vamos mudar, fazer grupos de consumo. Todo mundo consome, certo?

Fórum Catarinense

Experiência exitosa. Disposição em participar coletivamente, diálogo, formado por pessoas históricas da economia solidária. Estamos falhando na construção de uma

estratégia. SC não formou rede de educadores.

Editais

Temos que sentar junto quem ganhou para ver o que fazer. Projetos atuando no mesmo local sem diálogo.

Organização dos Fóruns Estaduais

Além da carta de adesão, precisa ter um aval da base. A prática justifica a ação – fins justificam os meios. Mas o método determina o fim. Economia solidária é baseada na prática, teoria, prática, ...

Formação em Economia Solidária

Não deixem ninguém dar um curso sem saber do que está falando. Tenho que saber tudo que se passa no empreendimento: inclusive fofoca. Formar na economia solidária, para economia solidária, pela/através da autogestão. Só nós sabemos fazer isso, Sebrae não sabe.

Tiana: Comercialização versus formação política

Essa fala é nojenta: “Empreendimento só vem pras coisas quando é pra comercializar.” Os espaços não estão preparados para receber outras coisas além das comercialização. Temos que fazer cada vez mais que os espaços proporcionam aumento de conhecimento.

Muristas e circunstancialistas não são dos empreendimentos. Quando o empreendimento entende a luta, nunca mais tira a camisa. Mas ele entra no projeto pra resolver a vida dele. Se ele quer mudança no mundo, tem que mudar sua própria vida. A comercialização é o que leva comida pra casa. Não dá pra fazer militância e deixar o filho chorando de fome em casa.

Vamos para o projeto por aquilo que acreditamos, mas também porque precisamos. Entidades e gestores também fazem isso. “Militam” para conseguir benefícios pessoais também. Não adianta ficar falando. Temos que fazer. Não vamos transformar porcarias nenhuma se não formos capazes de transformar a nós mesmo. Só com estudo podemos transformar a mente. Agora se não transformarmos o coração, não transformamos nada. E esse desafio começa por nós educadores. Se não praticarmos os princípios no dia a dia, aí podemos ensinar. “O exemplo arrasta”.

Informação: se isso está atrapalhando a vida, vamos inventar um jeito de usar. Temos diversos meios: site no FBES, site no Cirandas. Isso não atinge todo mundo, no meio do mato... temos que encontrar alternativas. Comunicação. Informação é poder! Quem é dono da informação manda e decide. Organização só acontece quando tem gente **comprometida e informada**.

Os sangue-sugas estão dentro de projetos, nos gestores, nas entidades, mas também nos empreendimentos. Precisamos decidir as coisas de maneira autogestionária, com democracia verdadeira. Construção de consenso. Unidade na diversidade.

Articulação com movimentos diferentes não faz com que outros movimentos virem Economia Solidária. Articulação acontece, mas cada movimento continua sendo diferente. Os movimentos estão vindo, mas nem sempre a coordenação; será que tem que vir?

Será que é o momento de articular com outros movimentos? Será que temos um projeto claro pra isso?

Espaços de comercialização são um problema comum entre os movimentos. Quando o MST vem comercializar na loja da economia solidária, está junto da economia solidária, continuando a ser MST com suas especificidades.

Nossa organização dá conta de acabar com o monstro capitalista? Temos que conhecer nosso movimento. Quais são as outras perguntas que temos que fazer?

Questionário para mapeamento Fóruns Estaduais

Esta tarefa foi compreendida de maneira ligeiramente distinta pelos grupos. Alguns entenderam como exercício para elaborar novas perguntas para um mapeamento dos fóruns, além daquelas iniciais que foram colocadas.

Outros grupos entenderam, a partir do debate anterior, que deveriam elaborar perguntas para reflexão sobre a efetividade dos fóruns. Mais precisamente, perguntas cuja reflexão poderia orientar um planejamento das atividades dos fóruns. A seguir o resultado do trabalho em grupo:

Sul (questionário para os fóruns)

- Quais são as ações concretas ocorrendo no âmbito da economia solidária? Local, Estadual e Regional.
- O fórum tem registro documental? (Carta de adesão, atas, cadastro dos empreendimentos, e entidades, gestores)
- Qual a relação do fórum com o cotidiano dos empreendimentos (faz acompanhamento, tem diagnóstico)
- Quantas / quais atividades de formação o fórum realiza por ano?
- Como o fórum faz o diagnóstico das demandas formativas?
- Quais os segmentos econômicos que participam do fórum?
- Qual a faixa etária dos participantes?
- Quais iniciativas para captação de novos perfis para continuidade do movimento da economia solidária?
- Quais são as metodologias adotadas pelo fórum para organizar suas reuniões/plenárias/encontros?
- O fórum estadual repassa as informações do / para o FBES?
- Como se dá articulação do fórum junto ao governo?

Sudeste (questões para reflexão)

- Quais são as ações de lutas concretas que devemos fazer como economia solidária a nível nacional para nos fortalecermos internamente e externamente, bem como gerar unidade nacional em torno do movimento?
- Qual motivo que faz com que quadros históricos da economia solidária saiam dos fóruns?
- Porque a executiva nacional e coordenação estadual dos fóruns não vão aos fóruns regionais verificar a realidade?
- Quem são, onde estão, o que fazem os militantes da economia solidária?
- Porque as entidades nacionais não participam dos fóruns estaduais onde elas estão presentes?
- Estamos fazendo parcerias com multinacionais capitalistas e certas incubadoras que dão formação tecnicista sem dimensão política da economia solidária?
- Como a economia solidária vai se fortalecer e se organizar para acessar o PAA e PNAE?

Centro-Oeste (reflexão e planejamento)

- Que mecanismos o fórum pode criar para assegurar que suas ações contemplem a ética, a democracia, a transparência, horizontalidade, entre outros princípios da economia solidária?

Nordeste

- **Gerais**
 - Os fóruns são um bom modelo para alcançar a transformação? Se não, qual o melhor formato?
 - Quais as nossas conquistas concretas?
 - Até onde os educadores se envolvem nas demandas do fórum?
 - Como nos identificamos como empreendimentos de economia solidária?
 - Como está sendo a relação entre SENAES e os fóruns de economia solidária?
 - Qual o conhecimento está sendo construído para a realização do projeto de Economia Solidária? E o processo de formação na base, pensando na emancipação?
- **Específicas - Mapeamento**
 - Como está sendo feito o mapeamento e quem são os mapeadores?
 - Os dados que temos dos levantamentos do SIES são eficazes?
 - Porque os empreendimentos não são pesquisadores?
 - Como tem sido a devolução dos dados pesquisados pela SENAES?
- **Específicas para os fóruns**
 - Os empreendimentos fazem parte do fórum como atores?
 - O fórum tem cumprido com as suas demandas? O que tem demandado?
 - Por que a formação para elaboração de projetos não chegou aos empreendimentos?
 - Por que os educadores que estão na base não assumem as atividades de formação?

Norte (ponto de indicativo para reflexão)

- O fórum estadual realiza o cadastramento de empreendimentos de economia solidária?
- Como mobilizar os empreendimentos para fortalecer o fórum estadual?
- Como atingir as pessoas que fazem economia solidária mas está fora do fórum?
- Como influenciar as políticas públicas para formação?
- Seria possível a criação de um central nacional de cooperativas de economia solidária, incluindo cooperativas de formação, entre outras?

Fragilidades do mapeamento revelam os limites das políticas públicas. Fizemos 3 tentativas de enxergar os problemas do fóruns, e vamos continuar tentando.

Acúmulo x acomodação x oposicionismo. Na época da ditadura era fácil, tudo do governo era ruim. Oposicionismo hoje é acomodação. Hoje conhecemos o aparelho do estado.

A tecnologia é usurpada pelos capitalistas; índios inventam, capitalistas registram. Discussão de regimento é um bom trabalho pedagógico. Não adianta pegar o padrão e aplicar no seu fórum.

Temos que sair daqui com compromisso de construir o regimento interno do fóruns que não tem. Prever como entra (carta de adesão), e como exclui. O regimento, que pode ser baseado na carta de princípios.

Se o mapeamento tem erros, ele foi feito através dos fóruns que têm responsabilidade pelo sucesso ou fracasso. Os mapeadores tem que ter comprometimento político, não basta e não precisa ter estudo.

Objetivo: fórum ter representação de redes e cadeias – dados para tornar economia solidária visível, orientar as políticas do fórum.

Gestores

gestor é representante do movimento no governo, e não representante do governo no movimento. Gestor que está no fórum é militante.

Economia Solidária no Brasil, na América Latina e no Mundo

A quarta-feira foi dedicada à compreensão de um panorama geral da economia solidária, partindo do nosso próprio movimento, passando pelos *hermanas-os* latino-americanos e chegando ao panorama mundial.

A partir de uma percepção de que muitos dos militantes da economia solidária não têm conhecimento sobre como funciona o Fórum Brasileiro de Economia Solidária (FBES), Tiana Almire fez uma apresentação em que detalhou diversos pontos não conhecidos pelos participantes da oficina. Entre outros pontos, Tiana colocou de forma clara as instâncias deliberativas, de apoio e de gestão: Plenária Nacional, Coordenação Nacional, Coordenação Executiva, Secretaria Executiva e Grupos de Trabalho.

Foram destacados especialmente alguns pontos:

- Perceber que o FBES existe para fortalecer o movimento com organicidade e fazer a luta e a incidência política, sendo que o objetivo de fortalecer as bases é para fazer a luta política pelo projeto de desenvolvimento.
- Ter claro sobre o papel dos gestores nos fóruns, segundo a definição da IV Plenária, o gestor no FBES é o representante do movimento no estado, e não o contrário.
- O que deve orientar os fóruns locais é a carta de princípios do movimento e as deliberações em Plenária, as quais precisam ser apropriadas pela nossa base, tendo em vista também o respeito ao modo como cada fórum se constrói.

Outro tema debatido foram os conflitos internos, aspecto evidenciado na reflexão das experiências dos educadores. Luigi Verardo, da Anteag, colocou que "nós escolhemos a política e não as pessoas, as pessoas são para executar as coisas. Se temos alguns problemas temos que qualificar as pessoas. Isso porque o FBES tem um caráter de representação que cria disputa e nós queremos uma estrutura horizontal, em rede, em centrais, que nos permitem trabalhar melhor a questão da horizontalidade. Precisamos romper as verticalidades, as representações que vem para o FBES tem que estar em processos horizontais. Temos que aceitar a disputa com mecanismos que preservem a ética, o respeito, a solidariedade e a representação das bases". Também foi pontuado que devemos buscar que nossas coordenações não acumulem cargos de representação, para haver um processo saudável de renovação.

Neste aspecto, foi problematizada a questão sobre o papel do educador frente aos desafios da organicidade do movimento de economia solidária. Foram destacados a necessidade do educador trabalhar diante das contradições, evidenciar e trabalhar com os elementos de contradição colocados pela prática. Também foi pontuado o compromisso dos educadores para a apropriação pela base sobre os acúmulos e informações do movimento de economia solidária, bem como trabalhar para a criação de instrumentos pedagógico e educativo que facilitem os processos desta construção, por

exemplo para mobilizações, para levantamento de dados e conhecimento mútuo.

Na parte da tarde, foram socializadas duas experiências da economia solidária: na Colômbia por Tatiana Castilla e no Equador por Sandra Lopez. No Equador a experiência vista mostrou toda uma comunidade construída por mutirão, em cima de um antigo lixão, num processo iniciado há 20 anos, sem qualquer apoio externo e com base na luta e na construção coletiva.

Nesta construção, Sandra colocou que "a cooperação depende do cultivo dos valores, é a nossa força social. Os outros é quem tem medo da gente, negociamos de igual a igual", dentro deste processo há também conflitos e contradições, que são tratados na cultura do diálogo, com um mediador para os conflitos.

Sobre a relação com o estado, o Equador tem uma constituição avançada que coloca a economia como social e solidária, estando em debate a lei da economia solidária. Embora o governo coloque a proposta da revolução cidadã, segundo Sandra, a consolidação disso depende da cidadania, das pessoas assumirem uma postura e responsabilidade, somando-se a um trabalho de mudança de sociedade. "Não sou cooperativista por ser pobre, mas por ser solidária", colocou Sandra.

Ademar Bertucci, representante da Cáritas na Coordenação Executiva do FBES complementou com as reflexões colocando que "só a lei e os direitos não fazem as transformações necessárias, não basta título de eleitor, é preciso a atuação das bases, a radicalização da democracia, a autogestão na organização da sociedade como um todo".

No Equador há também um movimento nacional organizado, o MESS - movimento da economia social e solidária, para articular uma rede latino-americana de economia solidária.

Já sobre a economia solidária na Colômbia, Tatiana Castilla apresentou um contexto das práticas solidárias e dos movimentos sociais, suas expressões e a lei nacional, que inclusive foi a primeira lei da economia solidária na América Latina.

A caracterização da economia solidária colombiana está muito relacionada a sua forma legislativa, nas cooperativas, associações e fundações. Foi apresentada a experiência com comércio justo e solidário da Mambe.shop. Por fim, foram apresentados os limites e desafios destas práticas, deixando claro que ainda não há uma identidade e um movimento nacional organizado na Colômbia.

Conhecer a experiência de outros países trouxe importantes reflexões sobre as práticas e as identidades no Brasil e na nossa relação com a aliança latino-americana e mundial para uma proposta de sociedade justa, sustentável e solidária, ou seja, nos somando para uma emancipação da América Latina e global.

Avançando sobre o debate mundial da economia solidária, Daniel Tygel em teleconferência, apresentou o mapa da economia solidária no mundo, o ESS Global, que identifica e visibiliza as diferentes formas de organização, experiências e características da economia social e solidária em diversos países. O mapa foi apresentado no Fórum Intercontinental de Economia Social e Solidária (FIESS) que ocorreu em Montreal, no Canadá.

Segundo Daniel "há conceitos e metodologias diferenciadas do que se considera a economia solidária no mundo, é fundamental que as experiências sejam compartilhadas, nós no Brasil temos a informação pelo farejador da economia solidária, mas mais complexo ainda é um mapa global. Dentro disso o desafio é ter categorizações mundiais, o que não requer que todos os países assumam para si as mesmas categorias".

Uma das dimensões caracterizadas é a autogestão, embora não assumida por todos os países, bem como as dimensões do aspecto comunitário, da melhoria da qualidade de

vida, da questão ambiental, da segurança alimentar e nutricional, entre outros. O destaque para a questão pedagógica do instrumento é que possibilite fazer uma animação com o mapa e o debate político sobre a economia solidária no mundo, percebendo semelhanças e diferenças.

Daniel aproveitou também para transmitir um pouco do que está ocorrendo no FIESS, que conta com a participação de cerca de 1300 pessoas de 67 países, permitindo uma ampla impressão da economia solidária no mundo, em específico sobre o tema das políticas públicas.

Segundo Daniel "a crise é uma questão forte na região e nos debates daqui, sendo que a economia solidária aparece como uma perspectiva para a transformação da economia, do modelo de desenvolvimento, aonde a economia possa estar nas mãos dos 99% da população e não o contrário. Está sendo um momento histórico e político o que está ocorrendo, e o Brasil é uma referência mundial da economia solidária". Durante o evento os participantes fizeram um ato político com o movimento dos indignados de Montreal, contado com uma fala da ministra do Equador.

Debate - Apresentação de Tiana

Após a apresentação de Tiana, baseada no arquivo anexo "Estrutura organizativa do FBES e linhas de ação", seguiu-se o debate sobre o tema: qual nosso papel diante dessas informações sobre o FBES, dado que sabemos que essas informações não chegam na base.

4ª plenária

Tarefas apontadas pela 4ª plenária não foram apropriadas, muito menos cumpridas. Temos duas tarefas: se apropriar mais das decisões da 4ª plenária e estudar o movimento, os documentos para qualificar o movimento pra luta política.

As vezes as pessoas conhecem o fórum, mas não sabem como funciona. Mesmo que siga os princípios, se não se organiza como movimento não contribui na luta. A 4ª plenária, mesmo com 2000 participantes, não foi apropriada. Precisamos de melhores estratégias de mobilização da base. Não sabemos quantos fóruns temos! Temos que ter ferramentas pra isso.

Articulações do FBES

Possibilidade de diálogo com conselho nacional de juventude. Muitos jovens que praticam economia solidária e não são vistos como jovens especificamente.

O papel de articulação com governo e sociedade civil cabe à coordenação executiva do fórum. É complicado pois as vezes não tem gente competente pra isso, atuante em todos os assuntos. Tivemos problemas na relação com EJA, pois o articulador não era atuante na área, e teria outros militantes mais qualificados. Sugestão: comitê de educação do campo.

Na articulação internacional tem pessoas que não são da coordenação executiva. Temos que ter relação maior com indígenas e quilombolas que têm desenvolvido trabalhos importantes em território e economia solidária. Devemos criar GT específico para isso.

Contradições

Vamos percebendo os espaços, e vamos percebendo as contradições. Como conseguir trabalhar diante das contradições? Bater de frente? Cair fora? Como o educador trabalha diante das contradições? Se percebemos tantas dificuldades nos fóruns, o que o educador deve fazer? Devemos explicitar pedagogicamente, evidenciar as contradições.

FEES

Como militante, na ânsia, ocupamos quase os três papéis. Formalização dos documentos é importante para ajudar nessa direção.

Existem lideranças de quem gostamos muito. Mas o movimento que não se renova morre. Autogestão nesses espaços me preocupa. Acumulação de vários cargos não é saudável, imagino que tenha o regimento que deve evitar isso. Representantes acabam sendo apenas ex-membros da secretaria executiva. Não se abre espaços para novas lideranças. No MT uma rede acaba desarticulando o fórum pois reivindica representação estadual.

Redes de Formadores

Estudar é uma tarefa do educador. Muito interessante o núcleo de base. Porque estamos aqui? O MST é um movimento social que deve ser tomado como exemplo. Dificuldade de formar a rede de formadores → semeadores. Espero que as redes de formadores possam um dia se inserir nas representações do fórum.

Coordenação Executiva do FBES

Pessoas não podem chegar na CE desinformadas. Senão ficam como vacas de presépio. Aprendemos com os congressos CUT e do PT. Nesses congressos não se vai para discutir política, é só fechar chapa e articulação de poder. Despolitiza qual é a posição. Nós tivemos um tecnologia nova superior: **quando se escolhe a política, não se escolhe as pessoas**. Primeiro se escolhe a política, depois as pessoas pra executar aquela política. Formar as pessoas para serem eleitas e dar continuidade àquele projeto. Se queremos mais mudanças temos que formar mais quadros.

Redes de Comercialização

Rede de comercialização é rede ou entidade? É empreendimento, pois é composta por empreendimentos. Se for uma rede composta por entidades, aí pode ser entidade. As representações nem sempre são da CE, e a renovação precisa de gente qualificada.

Conselho Nacional de Economia Solidária

Composição do CNES: 15 representam o FBES, 5 representam as entidades nacionais, 19 entidades da sociedade civil organizada e 19 representantes do governo federal.

Ademar

Experiência joga luz no passado; o futuro nós construímos. Todo momento temos que fazer novas articulações e representações. Não conseguimos fazer isso com as 11 pessoas da CE. Temos que resolver a tensão entre quadros experientes e novos quadros, nem um extremo nem outro. O nosso desenvolvimento ocorre de forma desigual e combinada (Lenin). Princípios são iguais, mas o desenvolvimento é desigual.

Fizemos um erro: deslocar para o FBES lideranças que estão sendo formadas para os fóruns locais, que depois escapam da realidade local. MST: Pés no chão, olhar nas estrelas.

Isso completa o quadro de desafios. Porque criamos o fórum ao mesmo tempo que pressionamos para criar a SENAES? Criar condições de fortalecer o movimento e para fazer incidência política. Memória: temos que resgatar o caderninho rosa, que definiu o fórum, que criou as bases para criação dele.

Temos que investir na relação da economia solidária com a economia popular, e hoje enfrentamos o desafio contra o empreendedor individual. Hoje temos muita coisa que é popular e não solidária, e temos que puxar eles para economia solidária. Mais do que a 4ª plenária, deveríamos estudar o caderno rosa. Caderno de preparação é mais importante

do que o relatório da 4ª plenária.

O fórum é representação e tem espaço de disputa. Se queremos horizontalidade, é rede. Como tratamos a relação piramidal que o fórum criou? É na horizontalidade que devemos garantir que as representações estejam num processo horizontal. Temos que criar mecanismos de disputa que preservem a ética, e que representem as bases, que mostrem a força da base.

Luigi: a melhor maneira de acabar com a base é a disputa. Gandhi: “primeiro as pessoas quando olham vocês, elas desconhecem. Depois elas riem de vocês. Depois ela vem te roubar a bandeira.”

Temos que formar as pessoas para disputar com respeito ética. A partir da 4ª plenária, aparece uma disputa mais explícita. Duas políticas: uma que dá uma centralidade, apenas através de partido e sindicato; outra, além de partido e sindicato, com outras formas. Como fazemos com sindicatos que são verticais, aparelhos de estado, centrados nos MTE, partidos verticais, centralizados, direção decide e desce? Novas formas: economia solidária tem proposta da centralidade estar não na verticalidade, mas na autogestão. Dois projetos políticos. Uns levam a política para os partidos e sindicatos, outros acreditam em outros espaços além disso.

Sandra Lopes (Equador): Cooperativa Solidaridad Quitumbe

A cooperativa tem 20 anos de existência, que podem ser divididos em duas etapas. Primeiro, a luta foi para ter um espaço para moradia. 10 anos para negociar um espaço de uma fazenda, através de cooperativas de habitação.

O terreno fica no Sul de Quito, região mais pobre que existe a luta pela moradia. Quito recebe os imigrantes internos, e o sul é onde mais se sentem os problemas sociais. Os moradores formaram 10 associações e uma federação. Quando já tinham o lote, perceberam que não tinham espaço de educação – todos os problemas que foram surgindo, foram sendo resolvidos com cooperativas. Hoje tem tudo, menos universidade. Isso durou 10 anos.

Depois de 10 anos, entraram na segunda etapa. Negociaram com o município. Não só moradia: tinham que ter uma proposta completa: saúde, educação, trabalho, alimentação.

Quito tem espaço limitado por montanhas. O solo está saturado, e as pessoas que vem de outros lugares constroem a moradia como podem. Realidade do sul de Quito: muito lixo nos espaços, ninguém queria viver lá, é vergonhoso..

A Economia solidária é sempre associada aos pobres. A moradia de interesse social é pequena, feia, suja. Mas os moradores não queriam isso.

Perguntou-se então a cada um como queria viver. As casas bonitas custam menos que as feias padronizadas. O segredo é a participação social. Cuidaram do entorno também.

Quito tem muitos vales. São em geral lugares ruins, ninguém queria ir lá: são as chamadas quebradas, esconderijo de ladrões, lixões. Podia acontecer qualquer coisa, menos morar perto de uma quebrada. Agora são parques ecológicos, onde todos querem morar perto, depois de 8 anos de trabalho em mutirão, com participação de 400 a 500 famílias. Depois se converteu em política pública: antes aterravam as quebradas fazendo parquinhos. Agora todas as quebradas são parques ecológicos e o governo é obrigado a manter e conservar.

Tudo mudou, agora até o tamanho das janelas é pensado. “Nos gusta dançar también. En el norte tenemos todo. En el sur nada.” O sul estava negado para a boa vida. Agora tem ciclovias. Antes, Quito só ia até o centro, agora vai até o sul.

Processo de formação é essencial. O que a economia solidaria resgata são os valores, emoções, sensibilidade. Se emocionalmente estamos sãos, as relações com os outros são boas. Reuniões ocorrem sem cadeiras, só com tatames. Mutirão não é só físico, também temos mutirão intelectual.

Desenvolvimento material: a prioridade é o trabalho, e tudo se resolve com o trabalho. Priorizamos a oportunidade de trabalho para quem não tem emprego. Temos que nos preparar para viver uma outra economia.

As casas tem possibilidade de expansão; os valores vão de acordo com a possibilidade econômica de cada um. Equipamento comunitário para a comunidade. Primeiro fizeram um espaço comunitário dentro do condomínio. Depois criaram um fora para não incomodar os vizinhos com as festas.

Não faz sentido uma cooperativa sem autogestão, cooperação, solidariedade. O processo de mutirão faz com que todos se conheçam, antes mesmo de morar junto. Isso gera segurança pois um cuida do outro. Governo respeita, até tem medo pois nós não temos medo.

Existem problemas, mas são gerenciados. **Formação em solução de conflitos.**

Quem deve fazer e manter esse tipo de comunidade? Não sou cooperativista por ser pobre. E sim por ser solidária.

Deveríamos trabalhar uma organização latino-americana de economia solidária. “Lo que yo no tengo és dinero, pero rica ja soy.” Deus diz ajuda, que te ajudarei.

Legislação do Equador

Legislação mais bonita do mundo: economia social e solidária, bem viver, sumak kawsay. Cooperativas mais fortes são cooperativas de créditos: banqueiros frustrados. A nova lei atende mais a eles do que a nós. Tem também a lei de soberania alimentar. Governo tem proposta de revolução cidadã – o lema de Correa nas eleições. “Nos és um cambio de época, mas una época de cambio”.

Se para a revolução armada se precisa de armas, a cidadã precisa de cidadãos. Não é carteira de identidade – é postura e responsabilidade de cidadãos. Somar-se a um trabalho de mudança de sociedade, em casa, na escola. Mas não é isso que está ocorrendo. Não está se fortalecendo a organização social. Governo não respondeu às nossas expectativas. Desafios: temos uma constituição, temos uma lei: é nossa responsabilidade assumir isso.

MESSE – Movimiento de Economia Social y Solidária del Ecuador

Tatiana - Colômbia

Para falar de movimentos sociais e do movimento social em Colômbia, é preciso considerar um aspecto da conjuntura que na verdade já tem se convertido em estrutura. Esse aspecto é o conflito armado, que não faz mais parte da conjuntura porque temos mais de 50 anos de conflito.

Este conflito que tem diferentes atores, e se expressa de diferentes maneiras no território nacional, de forma direta o indireta afeta a organização dos trabalhadores, dos grupos de pequenos produtores. Afeta porque existe uma criminalização dos movimentos sociais e isso se reflete no trabalho feito pelas organizações, as vezes de maneira fragmentada.

Segundo o Departamento Administrativo Nacional da Economia Solidária DANSOCIAL, existem na Colômbia 10.555 organizações da ES entre cooperativas, fundos de empregados e associações mutuais. Esses três tipos de organizações agrupam 5.453.930

associados, dos quais 82% pertence a cooperativas, 15% a fundo de empregados e 3% associações mutuais.

Também existem uma extensa rede de juntas de ação comunitária, organizações de voluntariado, associações, corporações e fundações. As cooperativas financeiras e de saúde representam um bom número das cooperativas. Entretanto, esses dados não representam a quantidade de empreendimentos espalhados pelos países.

Para comparar com alguns elementos do movimento de economia solidária no Brasil, o mais próximo ao que conhecemos como empreendimentos econômicos solidários, são os grupos de produtores, de camponeses, artesãos. Muitos não se encontram mapeados nos dados apresentados acima, por não estar formalizados legalmente. Mas as práticas e princípios seguem a mesma linha.

Existe também um forte trabalho que se organiza desde as fundações e algumas organizações, que trabalham com os grupos, princípios de solidariedade, cooperativas, agroecológicos, de um turismo solidário e finanças solidárias. Não existe um espaço de articulação nacional parecido com o FBES, nem espaços de participação social como conselhos, conferências nacionais, entre outros. A democracia na Colômbia é principalmente representativa (voto e não de espaço de participação).

O que mobiliza aos grupos de pequenos produtores e as organizações que fazem economia solidária, é a visão de uma sociedade mais justa, em prol da soberania alimentar, e com melhores na qualidade de vida. Existe também um grande motor da mobilização que é a paz nos territórios, e a paz a nível nacional.

A Colômbia tem uma lei de economia solidária (lei 474 de 1998) que é a primeira de América Latina, e tem servido como referência para outros países. A questão é que esta lei não foi criada da base para cima. A lei contempla muitos princípios e pontos que a ES brasileira também se veria contemplada, mas tem as mesmas limitações, como o número mínimo de participantes que são precisos para conformar uma cooperativa.

A ES é vista como um setor da economia nacional pela maioria da população, e é vista como geração de trabalho e renda por outros. Começa a ser vista como movimento também pelas crescentes práticas de comércio justo, e a participação nas redes internacionais que tem permitido uma rica troca de experiências e conhecimento de outras realidades. Participações no FSM, em diversos espaços como encontros da Rede Intercontinental de Promoção da Economia Social e Solidária - RIPESS. O último encontro da RIPESS foi realizado em Medellín em 2010 e reuniu organizações de ES da América Latina deixando muitos desafios entre os participantes colombianos diante da apresentação da experiência brasileira, de organização de movimento, da incidência em políticas públicas e de um Sistema Nacional de Comércio Justo SNCJ.

A lei 474 de 1998 criou o DANSOCIAL, departamento encarregado de fomentar a educação solidária, de maneira formal mediante convênios e instituições, e de maneira informal com cursos e diplomados. DANSOCIAL também incentiva pesquisas e divulgação do setor cooperativo; fomenta também a conformação de redes de comercialização e as microfinanças. Além desses eixos de ação, tem ações pontuais para o fortalecimento dos empreendimentos solidários e o desenvolvimento de programas e políticas para a população vulnerável, moradia e questões de gênero.

Finalmente, trazendo a discussão da economia solidária da Colômbia e o Brasil, para um plano mais amplo, temos alguns limites e desafios para a realização de um processo articulado de ação em economia solidária na América Latina.

É preciso fazer uma incidência nos espaços de integração latino americana, nos integrar com outros movimentos sociais, participar nos fóruns da América Latina para assim

fortalecer processos coletivos. As organizações da sociedade civil devem fortalecer as redes de economia solidária, de comércio justo. Deve-se ter uma estratégia para aproveitar melhor os espaços de debate e discussão, fortalecendo uma participação organizada de organizações e movimentos.

Outro desafio é o de promover intercâmbios comerciais entre os EES dos diferentes países, realização de feiras, e construção de circuitos comerciais em zonas de fronteiras. Fica também o desafio de melhorar qualitativamente a cooperação entre os governos dos diferentes países, para trocar experiências de políticas e programas desenvolvidos para o fortalecimento de práticas de economia solidária, comércio justo e segurança alimentar, entre outros.

Ademar – Economia Solidária na América Latina

Gostaria de reforçar a importância de radicalizar a democracia, que tem a ver a com a autogestão que caracteriza a economia solidária. A Feira de Santa Maria tem funcionado como espaço de integração latino-americana.

Temos uma legislação boa, mas que acaba legitimando uma coisa ruim, como a OCB. Experiência boa de cooperativismo: Confederación Latinoamericana de Cooperativas y Mutuales de Trabajadores – COLACOT.

Fazer política é trabalhar nas contradições. O Brasil está de costas para América Latina. Nós somos frutos de uma invasão do capitalismo ocidental, e por outro lado trazemos outros elementos latinos. É impossível pensar que um país da América Latina vai fazer uma transformação sozinho. Já temos base para que, quando a lei de economia solidária for aprovada, ela seja bem usada.

Ainda temos muitas veias abertas: ditaduras, abertura, democratização, neoliberalismo. Estamos falando da classe dos trabalhadores não assalariados, mas que buscam emancipação: liberação da América Latina.

Lei de comércio justo tinha risco de virar uma dependência, mas lei foi boa. Assim como as trocas de sementes.

Governos populares da América Latina não são revolucionários! O que isso traz para o movimento organizado? Se não tivermos movimento organizado, esses governos fazem o que querem. Luta pelo direito do trabalho associado, por uma sociedade justa e solidária. Não é só a casa, não só o alimento, precisamos de mais coisas para o bem viver.

Como vamos nos caracterizando como movimento, estamos construindo a nossa identidade? Exemplo do PL: só nos percebemos como movimento quando estamos em relação com os outros: alianças e adversários. Estamos sendo compreendidos como movimento cada vez mais. E quem são nossos adversários? Se esgotou o diálogo, admitimos que temos um inimigo.

Devemos ter um projeto político para a sociedade, não só pra mim, para o meu empreendimento. Temos que pensar qual a contribuição que o CFES tem a dar para a construção do PPP. Temos interesse que nesse processo do CFES, possamos construir o PPP da economia solidária para a nação, o projeto político de transformação da nação. Se o desenvolvimento não vem de dentro, ele vem de fora e nos oprime, temos que lutar pelo desenvolvimento endógeno. Durante 500 anos vivemos o desenvolvimento exógeno. América Latina pode sim criar o desenvolvimento endógeno, e a Feira de Santa Maria continua sendo um espaço de articulação da América Latina.

Daniel Tygel, do FIESS, via teleconferência:

Mapa da economia solidária mundial: www.essglobal.info/es/mapa.html. Estamos construindo padrões de intercâmbio para a economia solidária a nível global. Pode existir uma correspondência entre as categorias de empreendimento, de produtos.

Temos no momento as atividades econômicas divididas em 22 categorias; mesmo com toda a conversa, temos coisas que não estão boas pro Brasil.

Comentário de Paul Singer, que passava perto de Daniel no momento da conferência e falou para nós: “Temos cerca de 1300 pessoas, de 67 países, gente bastante variada. Tenho muito boa impressão da presença mundial da economia solidária.”

Contrastes entre economia solidária nos países: Brasil se destaca na área de produção artesanal, agrícola, enquanto a Europa se destaca em serviços, gestão, turismo. Quebec tem bastante finanças solidárias.

Elementos que diferenciam a economia solidária nos países:

- 1) **Autogestão:** forte principalmente no Brasil e América Latina, um pouco menos no Quebec. Em outros países autogestão não é fundamental.
- 2) **Comunitário:** forte no Quebec, no interior da França. Exemplo: cuidado com as crianças, idosos, doentes – serviços para a comunidade.
- 3) **Atividade econômica sem intenção de lucro;** voltada ao bem estar social. Tem lugares em que o mais importante é atividade voltada para o bem estar e não para o lucro, mas não é autogestionário. Escolas, onde os donos são os pais, professores são empregados.
- 4) **Questão Ambiental:** Brasil se destaca com o movimento dos catadores, outros países: recicladores, produtores confecção, artes que reutilizam material, consultoria em educação ambiental nas escolas. Conceitos: Motivação ambiental, economia ecológica, questão energética.
- 5) **Indígena:** EES tem sua força em serem indígenas. Forte no Equador, Bolívia, Chile. No Quebec tem os autóctones. Está tendo o fórum indígena .
- 6) **Grupos de autoajuda:** mulheres – forte na África, também com preocupação com meio ambiente.
- 7) **Grupos de consumo:** França sobretudo, com força na relação direta com produtores.

Tudo está interligado. Se chegamos num acordo do que existe, podemos visualizar em mapas por filtros de cada categoria. Cada rede tem autonomia. Intermapas é um mapa sem dados; ele caça os dados de cada país. Não precisamos que os mapas de todos sejam iguais.

Não é a toa que estamos juntos e fomos ontem para a marcha para os indignados. Nós somos os 99%. Economia Solidária é uma economia na mão dos 99%, diferente da economia capitalista controlada pelos 1%.

Sobre a Rio + 20

Problema: Economia Verde aqui é complicada. Temos pessoas conservadoras, e o posicionamento não é fortemente contrário à economia verde. Forte é a percepção de crise: energética, humana, social, financeira. É uma pena, mas não vi nada sobre a rio+20

Outros fóruns

Não podemos confundir o processo do ESS global com um processo de convergências de

redes. Não é articulação política. ESS Global é apenas junção de redes. As redes estão fazendo seus mapeamentos, mas não estão dialogando entre elas. Objetivo do ESS Global é garantir a visibilidade mundial das experiências de economia solidária. Esforço de convergência política está na RIPESS.

O evento é apenas um encontro, não tem característica deliberativa, não é encontro do movimento de economia solidária – é debate sobre fortalecimento das políticas públicas de economia solidária no mundo.

Redes: economiasolidaria.org → REES: mapa mundial das redes de economia solidária no mundo.

Como os educadores podem usar a ferramenta?

Exemplo: uma animaçãozinha, em que a cada dois segundos um mapa aparece com um setor diferente; percebendo as características de cada país, região. Margem para discussão sobre o próprio conceito de economia solidária.

Experiências de educação no FIESS

Formação voltada para inserção social, foco em desempregados. Vertente de políticas públicas voltadas para a questão social e não para o desenvolvimento.

Redes tem características muito diferentes. Nossas críticas que fazemos pra dentro, e o processo quando dialogamos pra fora. Com todas as dificuldades, nós somos ainda uma referência muito forte para as outras redes.

O processo do Diálogos e Convergências está resultando numa convergência entre as campanhas: contra os agrotóxicos, código florestal, lei da economia solidária, reforma política.

Temos que ter clareza nos nossos objetivos: desenvolvimento territorial sustentável; no diálogo com outros movimentos. Os fóruns frágeis tem que se abrir para outros atores, sem medo.

Debate com Sandra Lopes e Tatiana Castilla

Contradições na experiência do Equador?

Sandra: Sempre existem problemas. Contradições são partes da vida. **Se temos um horizonte comum, não tem nada que não possamos trabalhar.** Ninguém trabalha nada antes de decidir qual é o objetivo. Alguns recebem, outras não, alguns trabalham fim de semana, outro não, mulheres sofrem violência dos maridos por participar da organização, pessoas que veem umas avançando e tentam dar rasteira, mulheres são inimigas das próprias mulheres. Brigamos muito porque levamos uma companheira a ser eleita e ela foi cooptada. Supostamente deveria replicar o modelo de solidariedade. Não acreditamos em nós mesmos, enquanto vocês acham nossa experiência uma maravilha. Quando o espetacular vira cotidiano é revolução. Como trabalhar o tema emocional antes de trabalhar outras coisas.

Produção agrícola na experiência do equador

Sandra: Não. Projeto de hortas urbana, legume de ciclo curto, lixo orgânico. Na praça da solidariedade, temos a feira para os camponeses venderem sem atravessador.

Processos formativos

Sandra: Temos um trabalho de recuperação do meio ambiente. Pessoas trabalham com os sócios. E são formadas juntas com valores cooperativos. Tema ecológico também entra no processo de formação, e também a cultura do diálogo. E antes de acontecer,

dizemos: como queremos viver. Todos se cumprimentam, mesmo que não se conheçam.

Tatiana: Pesquisa – saber como funcionam os processos. Os processos informais são importantes com os indígenas. Cartilhas construídas com eles, ouvindo os avós. Em nenhum momento dissemos que vocês são economia solidária. Apenas buscamos fortalecer suas práticas tradicionais, por conta da proximidade deles com os cocaleiros. Não chegamos como evangelizadores. Temos cartilhas em espanhol com o resultado das oficinas.

Relação com Universidade

Sandra: Não queremos ajuda, queremos cooperação. Temos parceira com universidade para vistoriar as construção. Agora reconhecem uma relação horizontal, antes achavam que estava ajudando.

Contexto Colombiano

Tatiana: Temos que resgatar essa história da luta armada. Colômbia tem a maior base americana. Sabe porque nunca teve golpe militar nos EUA? Porque não tem base estrangeira lá, isso é o que diz Galeano.

Camponeses começaram a luta por terra, contra a oligarquia, desde os anos 30 / 40. Um grande líder foi morto em 48, depois disso vieram muitas mortes. Aí se forma a guerrilha liberal e o exército começa a se armar, e resistem até hoje. Os paramilitares começam nos anos 80.

Quando era criança, houve um momento em que passamos a poder viajar para a fazenda, pois os paramilitares estavam segurando. Mas os guerrilheiros perderam o projeto político. Paramilitares nascem do financiamento dos latifundiários e se formalizam nos anos 90 (como cooperativa!) financiado pelo Uribe. Delinquência se agudiza no momento de crise; paramilitares entram e exército ganha poder. Narcotráfico se alia aos paramilitares. E também aos camponeses.

Colômbia é o único país que não tem ainda governo progressista, mas também não teve ditadura!. Jovens não têm consciência política. Fiquei feliz de ter jovens colombianos aqui. Jovens preferem ficar em “paz”, que na verdade é medo. O que mobiliza é a paz. Sem isso não se pode fazer nada.

Governo hoje é de direita, com alta criminalização dos movimentos sociais.

Sobre os movimentos sociais populares: ontem vi três movimentos novos aqui. Existem organizações que abarcam o território todo, mas que não se organizam entre si. Governo ajuda a Dansocial, que investe em formação. Mas o dinheiro é muito pouco. Exemplos: programas para mulheres, agricultores familiares, pessoas em zonas de conflito.

Participação dos segmentos (entidade, gestores, EES) na Colômbia?

Tatiana: Não há relação entre movimento e gestores. Apenas com entidades. Essa divisão é meio acadêmica, não parece tão natural.

Consumo no equador

Sandra: “Diz me o que comes, e te direi quem você é.” As cooperativas: comidas típicas. Apresentam comida típica nas feiras, se formam para isso. Tentamos consumir o que produzimos. Meus filhos estudam na unidade educativa da nossa unidade, junto com pessoa da comunidade. Trabalham questão artística. Não temos produtos orgânicos.

Mobilização

Sandra: Saímos às ruas em 3 dias, existe uma conexão entre os movimento. Quando é necessário nos reunimos.

Relação com Rafael Correa

Sandra: Muito incipiente. Nem conhecemos o Correa. Se eles no encontra, dá um tapinha nas costas e diz muito bem. Estamos trabalhando em políticas públicas com sistemas integrados de ciclovias e resolver as quebradas. Temos que brigar.

Rafael Correa quer economia solidária como clientela política. Organização não pode estar a serviço do governo, no máximo o contrário. Se não nos transformamos por dentro, não seremos luz para ninguém. O governo reconhece que somos a melhor comunidade. Temos que somar somar somar.

Conclusão

Sandra: os problemas nos juntam. Não temos casa? Nos juntamos. Cada problema tratamos como oportunidade, e vamos transformando. Todos os que tem trabalho, antes não tinham trabalho. Quem já tem emprego, pode ajudar com trabalho militante, mas não pode receber pelas cooperativas.

Percurso Pedagógico

A manhã da quinta-feira foi dedicada às reflexões sobre os elementos para nossa formação, ou seja, o percurso pedagógico. Sob a coordenação de Rosângela Goes, do CFES Centro-Oeste. "Não vamos aplicar nada em lugar nenhum, vamos desenvolver uma atividade formativa com formadores em economia solidária. E formação se faz numa visita, num café, no lanche, nas discussões. Isso porque socializar não é aplicar, economia solidária ocorre em vários lugares do mundo, de formas diferentes". Não há receitas ou modos únicos de trabalhar com educação popular, mas o planejamento e a preparação são fundamentais para a intencionalidade e a organização.

Além disso, destacou a necessidade de separar os espaços de discussão formativos dos espaços deliberativos, ou seja, o momento formativo tem o objetivo de fazer o debate e a reflexão, é processo intencional que é necessário que esteja claro. Já o momento de reuniões organizativas dos fóruns, por exemplo, são feitas decisões políticas do movimento, aonde o clima e o ambiente podem ser diversos, dependendo de seus atores e conflitos. Mas formação e prática devem estar ligadas porque "a formação alimenta a nossa prática, e deve se alimentar da prática. Aprender com a prática e voltar para a prática, aprender fazendo, a partir do chão de trabalho", comentou Rosângela.

Os aspectos metodológicos foram vistos como importantes para planejar os conteúdos educativos, organizando os temas, os tempos, o ambiente e a mística que cria identidade, cultiva valores e princípios norteadores.

Para exercitar o conteúdo visto, os educadores por região fizeram o planejamento de uma atividade formativa com os conteúdos vistos nos dias anteriores da Oficina.

O material apresentado por Rosângela está no arquivo "Pensando pedagogicamente a atividade".

Rosângela

Não vamos aplicar nada em lugar nenhum. Vamos desenvolver uma atividade formativa. Vamos fazer formação de formadores em economia solidária. Após a formação, o sujeito volta para o território com tarefa de formação. Formação se faz numa visita, num café, no lanche, nas discussões.

Esperamos que vocês conversem, informem e repassem a experiência. Que socialize: jamais aplicar.

Como preparar uma oficina? Organizar os temas, os tempos, o ambiente, a mística. Temos que planejar uma atividade formativa, mesmo que depois não dê certo. Na maioria das vezes mudamos tudo, mas a gente planejou e isso dá uma certa segurança. Você prepara uma mística, chega lá e o povo já tem a sua. Mas você planejou, tem algo na manga.

O objetivo do percurso não é passar uma receita; é parte de um processo formativo. Eu tenho horror de receita. A gente passou um pouco disso, nesse intermódulo. Temos que acabar o PPP pra levar lá, é tarefa. Os textos não estão prontos. Não tem que levar o PPP; tem que trazer o processo de construção. Não queremos que vocês cheguem no estado de vocês que tem realidade diferente e aplique algo que deu certo na minha região.

Percurso é caminho. Oficina é mais manual, prática. Curso tem caráter mais sistemático de aprendizagem. Encontro se relaciona com trocas de experiências. Seminário se faz para discutir uma temática específica. Reuniões têm caráter deliberativo. Fórum, plenária

lembram disputa de poder.

Não podemos trazer disputas do fórum para a formação. Não trazer o embate para dentro da formação, até porque não temos atribuição de deliberar nada.

A formação alimenta a nossa prática, e deve se alimentar da prática. Aprender com a prática e voltar para a prática, aprender fazendo, a partir do chão de trabalho.

Curso não é reunião nem assembleia. Evitar questão de ordem, etc. Ninguém precisa ser o certo. O conceito de economia solidária para o xavante, por exemplo, não é pra produzir; é pra afirmar a cultura. Discordar não é ofender.

Aspectos práticos da formação:

Percurso formativo não deve ser engessado. Na tribo: só deixaram fazer depois de falar com os caciques. Depois que teve uma reunião com as lideranças, aí deu certo.

Criar comissões de apoio: avaliação e lazer, por exemplo.

Como fazer com analfabetos? Podemos fazer o registro de filmagem: tira foto, depois o facilitador preenche o relatório a partir do percurso. E como despertar o interesse em registrar? Desenhar, fazer rádio, teatro, cordel.

Televisão com dois pauzinhos de cada lado. Ou historinha: era uma vez, um educador chegou na minha casa. É constrangedor mostrar que não sabe ler. Tem que despertar aos poucos.

Iconografia: não conseguiam escrever; passaram a desenhar o que só existia naquele lugar. Em uma experiência a formadora que não sabia ler e escrever foi a que mais fez formação: desceu o rio na chalana e tirou fotos para registro.

É importante ter cuidado com filhos; fazer cirandas para que mães possam participar.

Cuidado com o power-point. É importante fazer diagnóstico prévio. Dependendo do público é melhor roda de conversa.

Atividade de Grupos – Metodologia de Formação

Região Sul

Nome: Oficina de Formação Política e Metodologias Pedagógicas para Formadores do Região Sul

Objetivos da oficina: Aproximar os formadores da economia solidária da região Sul aos temas de formação política, em economia solidária e metodologias pedagógicas para construção de cursos, oficinas, seminários e encontros relacionados à formação em economia solidária. Refletir sobre como a formação política influencia no dia a dia dos fóruns.

Carga horária: 16h (dois dias de 8h)

Número de participantes: 30, sendo 10 por estado, indicados pelos coletivos de formadores.

Programa:

- O que é o capitalismo? Que bicho é esse?
- Movimentos Sociais – Caminhos e Alternativas
 - grupos de trabalho para cada movimento social, histórico
- Economia Solidária

- Educação Popular e Metodologias Pedagógicas

Mística: mão na massa, palpar

Metodologia: expositiva e participativa; Dinâmica do cartaz, como feito pela Tiana; Dinâmicas de grupos; Canetinha, tesoura; Revistas: criar painéis escondido, desenho da sociedade

Mobilização: Convites diretos para os formadores

Infra-estrutura: Hospedagem solidária e alimentação em mutirão; Café solidário para iniciar as reuniões; sem materiais descartáveis; carona solidária

Público-Alvo: formadores dos estados do sul

Centro-oeste

Nome: Oficina de Economia Solidária para GRUPOS PRODUTIVOS.

Objetivo: Apresentar ao grupo outra economia, chamada solidária por conter princípios e respeito ao meio ambiente. Princípios como participação, autonomia, igualdade de participação.

Dinâmica: mímica de inclusão.

Programa: Debate inclusivo sobre o conceito de trabalho dos grupos voltados para o objetivo da oficina a partir de vivências pessoais.

Nordeste

Nome: Oficina de Análise de Conjuntura do Fórum Estadual

Público: 40 Representantes do Fórum Estadual (empreendimentos, Entidades de apoio e Gestores Públicos de todas as regiões do Estado)

Objetivo: Fazer o resgate histórico do movimento de Economia Solidária fomentando o fortalecimento dos fóruns locais.

Temas: O que é análise de conjuntura, resgate histórico e fortalecimento do fórum.

Carga Horária: 16 horas (dois dias)

Programação:

Primeiro dia / Manhã

- Mística;
- Apresentação dos participantes;
- Construção coletiva de um acordo de convivência
- Divisão de Grupos de Apoio (dar nomes aos grupos)
- Apresentação do objetivo e programação;
- Como fazer uma análise de conjuntura? Ferramentas na construção de uma Análise de Conjuntura (Explicação dialogada e Texto)

Primeiro dia / Tarde

- Construção da Linha do Tempo do Movimento de Economia Solidária do Estado
- Linha do tempo de cada participante (a partir de perguntas orientadoras)

Segundo dia

- Fortalecimento do Movimento de Economia Solidária - Trabalho de Grupo a partir de perguntas orientadoras para refletir e planejar as ações.
- Socialização dos trabalhos de grupos;
- Debate e encaminhamentos
- Avaliação

Sudeste

Atividade: OFICINA – A REALIDADE DO FÓRUM LOCAL

Equipe de apoio: Secretário e relator; Coordenador.

Data proposta: segundo domingo de novembro

Local: Centro Público de Economia Solidária

Público Alvo: Integrantes do Fórum (entidades, empreendimentos e gestores públicos)

Número de Participantes: 40 pessoas

Duração da Oficina: 8h

Horário: 8h as 16h

Objetivo da Oficina: Fazer um levantamento da realidade do fórum par ter um quadro da situação das dificuldades, limites e desafios.

Conteúdo:

- Resgate Histórico do Fórum
- Estrutura do Funcionamento
- Diagnóstico (questionário de perguntas abertas e fechadas)

Dinâmicas:

- Para apresentação de todos: interação de dois e depois um apresenta um ao outro;
- Para introduzir o tema da oficina: duas rodas de 20 pessoas cada, sendo uma dentro da outra. E com um questionário de perguntas elaboradas (as mesma do diagnóstico) e apresentadas pelo coordenador e ao som de uma música, que ao parar, as pessoas também param (as pessoas da roda uma de frente para outra) e respondem a pergunta feita uma para a outra a sua frente. Um tempo para cada rodada de perguntas é de 02 minutos. (aproveitar as perguntas enviadas para os representantes dos estados, selecionando e acrescentando outras perguntas da nossa realidade).

Metodologia:

- Inicia-se com as dinâmicas;
- Apresentação em data show (ou de forma mais criativa e ou de acordo com a realidade local) a estrutura de funcionamento do fórum;
- Na parte da tarde divide-se em 05 grupos de 8 pessoas para responder o questionário;
- Volta-se a plenária para apresentar o trabalho dos grupos com debate;
- Avaliação do dia.

Norte

Ver arquivo anexo: “Oficina de Formação Política e Economia Solidária – NORTE”.

A experiência de comunicação da RECID – Rede de Educação Cidadã

Na tarde da quinta-feira foi trabalhada a experiência da Recid com a comunicação, facilitada pelos educadores Catarine/PI, Neno/AL, Lidia/RR e Francisca/TO. Foram usadas as questões de reflexão: estamos atentos as linguagens que usamos? para quem falamos? sabemos a mensagem que queremos transmitir? usamos as ferramentas adequadas? o público está entendendo?

Uma frase de Paulo Freire traduz o significado da comunicação popular: “Comunicação é coparticipação dos sujeitos no ato de pensar, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida, o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo”.

A Recid é uma rede de educadores que tem um "pé dentro" do governo e um "pé fora" nos movimentos sociais. Ela surgiu no contexto do fome zero, após a primeira eleição de Lula, por nomes como Frei Beto, trazendo influências de Betinho. Um dos princípios da Recid é o resgate da cidadania e o trabalho com base na educação e no saber popular, além da economia solidária. "Povo que ousa sonhar, constrói o Brasil popular", é um dos lemas da rede.

Hoje sua estrutura está articulada com a secretaria geral da república, além de ter capilaridade nos estados e territórios através dos coletivos estaduais, comissão nacional e secretaria executiva.

Assim como no tema da manhã, os educadores foram convidados a exercitar a questão da comunicação, interpretando com criatividade um texto sobre Trabalho de Base, de Ranulfo Peloso da Silva.

Catharine, Neno, Lídia e Chiquinha

As grandes referências da RECID são Paulo Freire, Frei Beto, Florestan Fernandes. A palavra-chave é EDUCAÇÃO POPULAR.

Catarine/PI, Neno/AL, Lidia/RR e Francisca/TO - todos os educadores, liberados ou não, devem estar envolvidos em algum movimento social.

Dinâmica: encenação de correr com som (de cachorro?). Interpretação: cachorro correndo atrás do rabo, diversidade de fazer o movimento, somos diferentes dos cachorros, as formas não servem para qualquer pessoa, quem circula no seu mundo fica redondo e cai.

Questões: estamos atentos as linguagens que usamos? para quem falamos? sabemos a mensagem que queremos transmitir? Usamos as ferramentas adequadas? o público está entendendo?

Sobre a Recid:

- Surge no contexto do fome zero, acabar com a fome de beleza, de educação, de vida;
- Frei Beto com a experiência de Betinho;
- Talher está casada com a economia solidária desde o início, trabalhando com o social, econômico e cultural.
- Tem como princípio o resgate da cidadania.
- É uma rede de educadores, que está também dentro do governo com fundo da secretaria dos direitos humanos (entidade ancora Instituto Paulo Freire, hoje o

Camp): pé dentro do governo, pé fora nos movimentos sociais

- Metodologia são os sujeitos, o saber popular, partindo do tema gerador e objetivo da situação
- Estrutura:
 - Hoje na secretaria geral da república, com 5 membros que acompanham as regiões e fazem articulação dentro do governo.
 - Comissão nacional com 2 representantes por região, N e NE são 3, que faz a articulação política junto ao talher nacional.
 - Coletivo ampliado, um educador por estado
 - Secretaria Executiva contratado pelo Camp
 - Entidades que gerem os recursos ligadas aos movimentos sociais: encontros nacionais 1 ano, cirandas de formações indicados pelo estado a cada 6 meses
 - Encontros Macroregionais 2 por ano
 - Coletivo estadual
 - Total contratados: 600 por edital (construído pelo coletivo estadual)
- Comunicação: um representante por estado
- Contradição: depender do projeto com o governo federal

Neno entrou na Recid pelo MST. MST mandou ele pra lá, fazer o PPP. Foi conversando, virou voluntário e foi contratado. Tarefa: articular a consulta popular. Duas assembleias populares regionais – discutir o grito dos excluídos. Ouvia falar muito de Paulo Freire, mas nunca tinha visto. Quando começa a ver o povo trabalhando, no chão, tomando café, percebeu que o método de trabalho de base dos movimentos estava ultrapassado. Paulo Freire é a resposta.

Xiquinha é educadora liberada pela rede, tocantins. Movimento estadual de direitos humanos. Centro de direitos humanos de formoso. Na rede desde 2005 como voluntária, não tinha pretensão, mas acabou sendo contratada. Outra pessoa foi indicada, mas passou pra ela. Seminário dos movimentos sociais acontecendo agora em Brasília.

Crítério: todos os nossos educadores estão envolvidos em algum movimento social.

Exercício de escuta é forma de comunicação, umas das principais.

“Comunicar é coparticipação dos sujeitos no ato de pensar, implica numa reciprocidade que não pode ser rompida, o que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo.” (Paulo Freire)

Lídia

Interpretação do cachorro: respeitar as diferenças. Todos eram pra ser cachorros, mas são seres humanos, cada um repetiu de um jeito. Os métodos não vão dar os resultados no mesmo lugar. A compreensão de todos não é a mesma, porque as referências são outras. Os olhares de cada um vão replicar as coisas de formas diferentes. Vergonha – se o educador está lá pra fazer um cachorro, tem que fazer o melhor cachorro do mundo. Não devemos tirar conclusões precipitadas – às vezes temos certeza absoluta de uma coisa, mas depois vemos que era esse o ponto de visto.

Como estamos transmitindo nossa mensagem? Estamos sendo compreendidos? Que tipo linguagem estou falando? Qual mensagem? Para quem? Estamos usando as ferramentas adequadas? Ou esse povo é mesmo cabeça dura.

Não viemos trazer nenhuma receita. A RECID está sendo construída. Infelizmente não temos como não trazer o debate para os processos de formação. Como podemos melhorar? Quais os desafios, nossas contradições?

Não viemos com a nossa experiência trazer o que é certo para o FBES. Queremos socializar a nossa experiência, como nos organizamos e como trabalhamos.

Recid surgiu quando Lula foi eleito pela primeira vez. Foi criado o Fome Zero para combater a fome no Brasil. Entendimento de que era mais uma política assistencialista. Fome de pão e de beleza. Frei Beto trouxe influências de Betinho. Foi escolhida a palavra talher, valorizando nossos hermanos. Trabalho popular, na base. Nas fundações do talher, vieram várias instituições. Quando viram o que era, ficou só a Recid. O talher foi processando a qualidade, com menos gente. A partir de 2006 todos passaram por várias formações nacionais, muita troca de quadro. **Povo que ousa sonhar, constrói o Brasil popular.** Primeira sistematização do talher escrita pelo povo em 2006.

Passou então a ser rede de educação cidadã. Construção do PPP, em duas etapas. Ainda nos norteamos por ele. A partir daí nos chamamos de educador popular. Todos os formadores devem passar pelo processo de formação político pedagógico – sócio-econômico-cultural.

Confusão: é governo, é rede? Foi formada por estarmos com diversos movimentos: CUT, MST, MMC.

Um dos projetos da Recid é resgate da cidadania. Por isso fizemos a mímica. Simboliza o sujeito sozinho, que roda em torno de si, e acaba caindo. Temos que partilhar com outros a nossas ideias. Recid não é governo; é um rede, rede de autonomia. Temos um espaço e um representante lá dentro. Saímos do MDS, estamos na SEDH. Nossa metodologia é que o sujeito deve ser protagonista. Vivemos um movimento de igual para igual.

Não posso ir numa favela vestida como uma dondoca. Pessoas vão sentir raiva. (pés no chão). Se você chega vestida de maneira simples, pessoas acham que você não sabe nada. A partir das falas das pessoas vai construindo a relação de igual para igual.

Depois de duas opiniões, o sujeito já quer fazer tudo. Resgatando a cidadania, o sujeito vira dono de si. Cobra do governador, não se sente empregado dele.

Xiquinha: Pé-dentro do governo, pé-fora nos movimentos sociais. Estamos lá com recursos do povo, e se nós não nos apoderamos disso, outras pessoas o farão.

Até o final do mandato lula o talher nacional trabalhava dentro do gabinete do Lula – contradição. Governo Dilma – governo mandou mostrar o trabalho.

Estamos sendo cortados com a própria arma que lutamos. Problema do Siconv: ter CPF dos educandos. **Como ajustar nosso trabalho a esse sistema de transparências que lutamos pra criar?**

Hoje estamos no convênio com a SEDH. Hoje temos apenas 5 pessoas no talher nacional; cada um acompanha uma região. Além disso, desenvolvem o trabalho do talher na presidência, são contratados pela presidência. Ainda fazem articulação dos movimentos dentro do governo.

Comissão nacional: dois por região. Papel dela: articulação das regiões com o talher nacional. Coletivo nacional ampliado. Além da CN, existe um educador por estado. Entidades âncoras estaduais, escolhida pela Recid. Gerencia o dinheiro que vem da entidade nacional.

Ciranda ocorre a cada 6 meses. São encontros macro-regionais. Todas essas atividades são previstas nos projetos. O coletivo nacional é escolhido pelo CN. Entidades estaduais podem ser consultadas no site da Recid: <http://www.recid.org.br/> .

Voluntários: tentativa de ser 1 por município. Em alguns estados os educadores ficam na capital, outros ficam nas regiões. Cada coletivo estadual é bem autônomo.

Comunicação

Falta de comunicação dentro da rede, fez-se a 4ª Ciranda – Ciranda da comunicação. Foi criado o site da rede. Cada educador foi com a função de ser o educador referência no estado. CN repassa tudo para ele, que tem que fazer a comunicação. Estados criaram um blog. Lá socializam as mínimas coisas – programação das oficinas, fotos – uma pessoa centraliza a atualização. Usam boletim impresso também.

Avaliação da organicidade. Processo avaliativo, desde os núcleos de base. Temos uma comunicação intensa – todo voluntário tem um liberado. PI tem 4 núcleos: são a base dos liberados. Acompanhamos o pessoal mesmo fora das oficinas. Resolvemos problemas governamentais – certidão de nascimento, etc.

Liberados são contratados através de edital, construído pelo talher. E a prioridade são as pessoas que estão nos movimentos. Linha pedagógica do estado do Tocantis é a defesa dos direitos humanos.

Entidade âncora nacional participa das atividades de formação. Troca do IPF por estar no projeto há muito tempo. Isso é exigido nos estados, e foi feito pro nacional.

Encontraram outro modo senão edital? Muita briga dentro do governo conosco. Somos movimento social ou governo? Os dois. Com isso conseguimos escolher as entidades estaduais, e com mais dificuldade na nacional.

Em alguns lugares a entidade âncora não é legal; trata educadores como empregados. Entidades são formadas por pessoas. Entidades que a nível nacional são parceiras, a nível estadual não são. Realidades bem diferentes dentro de um mesmo estado. Educação cidadã, formação política. Como se organizar, como se fortalecer?

O que pode ser aproveitado pelo CFES? Pensar para além da rede → sustentabilidade

Mediação de conflitos: associação, sindicato, cooperativo, questão do conflito aparece sempre. Maturidade para conciliar esses conflitos, não se impor. Formação contínua com os grupos.

Comunicação via Internet

Pegar no pé do educador para usar o e-mail. Liberados recebem cobrança do talher nacional e pelos voluntários. Comunicação é prioridade nacional. Cobrança para ver e-mails. Fluxo de documentos. Sonho: cada educador com kit com câmera, computador e celular. Informativo: impresso e online feito pela Camp, com informações repassadas pelo educadores.

Militância da rede

Nossa identidade são os movimentos sociais. Talher é formado pelos educadores → fortalecimento da educação popular nos movimentos.

Grande desafio: busca pela sustentabilidade da rede. Quando acabar o projeto atual , ver forma de não ficar totalmente dependente do governo. Fortalecer Economia Solidária é prioridade nos estados.

Trabalho de Grupo

Após a exposição sobre a Recid, foi proposto um trabalho em grupo. Os educadores foram divididos nos núcleos de base, e deveriam ler o texto “O que é trabalho de base” de Ranulfo Peloso da Silva, do CEPIS. Após a leitura, o grupo deveria apresentar sua interpretação à plenária utilizando outras linguagens.

A seguir, o resultado relatado das apresentações.

NB1

A reflexão que o núcleo de base faz o “trabalho de base” perpassa por dentro da comunicação. E que esta comunicação aparece em todos os momentos do trabalho de base.

Sabendo-se que TB se divide em dois eixos, sendo eles:

- A finalidade do trabalho;
- A força da Base;

Com base nos eixos acima o núcleo de base decidiu que a forma de apresentação vai ser POESIA (CORDEL). E que a simulação vai ser feita como uma visita a uma ASSOCIAÇÃO DE ATERSÃOS.

O uso é de uma linguagem simples, fortalecendo a auto estima da base, simulando uma visita ao produtor e vendo os produtos resultados de sua produção, bem como o resultado deste trabalho para a família, comunidade, município e o estado.

Jogral:

Educador Popular – Oi gente, bom dia!

Artesão – Bom dia, companheiro!

EP – Fazendo muito artesanato?

A – Este calor é de semente do mato

EP – Quais as outras peças?

A – Também fazemos fuxico biscuit e pano de prato

EP – Nossa, quanto capricho no acabamento!

A – Procuramos fazer nosso melhor

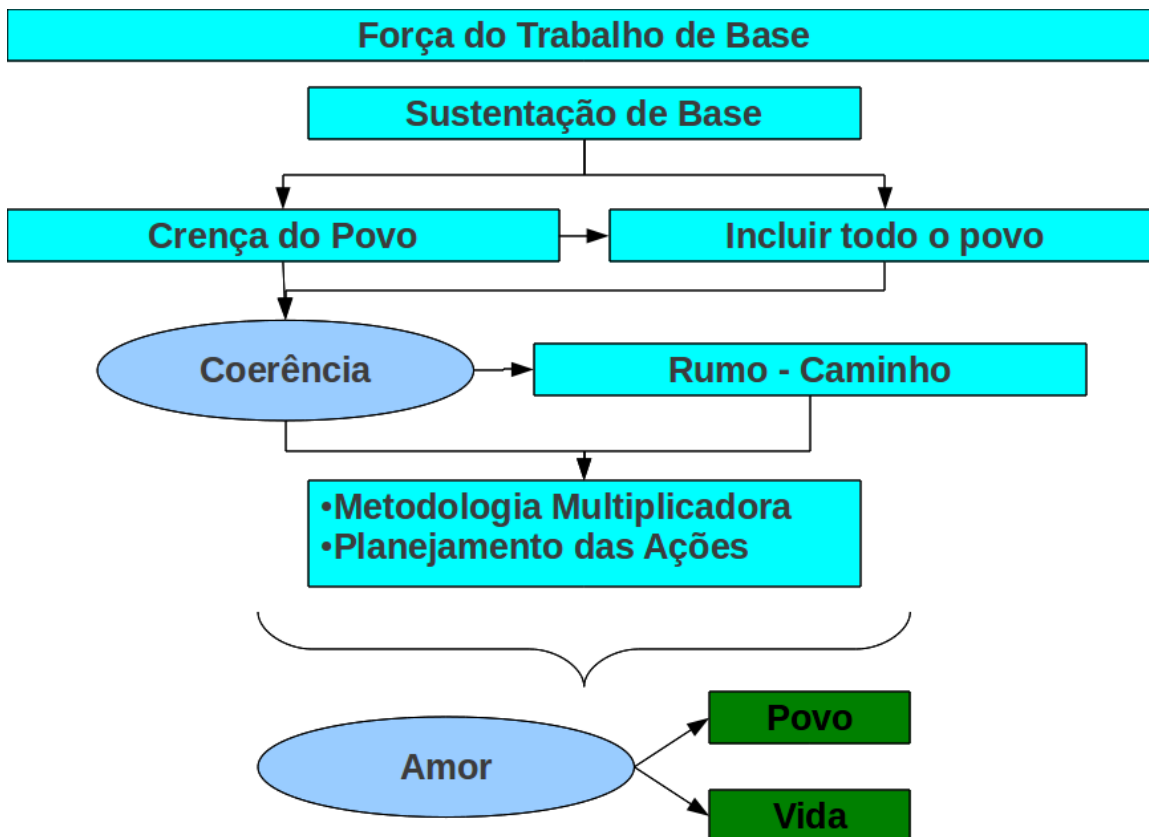
EP – E dá pra tirar o sustento?

A – Se o trabalho não fosse coletivo, seria pior

EP – Parabéns pelo seu invento!

A – Satisfação é nosso desejo maior!

NB2



NB3

Trabalho de base não é receita ou mágica
É um jeito, é da alma, uma paixão
Contra qualquer injustiça
Comprometendo-se a comunicar e a mobilizar

Com ações de rebeldia
Anunciando, despertando
e canalizando a luta
Contra injustiça

O povo faz parte, deve construir
Vida feliz e solidária
Sendo sementeira permanente
De novas formas de luta

No rumo da transformação,
Sentindo na vida que pode,
O pobre entende o que vale
Depois que a canga sacode
Foi-se o patrão dentro ou fora da legalidade

Mas quem não sabe onde quer chegar
Não chega a lugar algum
O fim é o caminho que a gente faz

Assim vamos tecendo a rede de resistência
Traçando caminhos na hora certa e com as pessoas certas
Com amor pelo povo, para a vida se expressar

NB4

Quem somos nós?
Somos uma massa ou somos sonhos?
Sonhos que se concretizam
Somos vida feliz e solidária

Em busca da verdadeira liberdade
Sem medo de opressão
Reagindo contra a exploração
E se esquivando das armadilhas
Mas quando necessário
Lutamos contra a dominação
Apesar de toda a miséria e da contradição

No amor pelo povo e pela vida
o trabalho de base tem um segredo que anima
liberdade e fraternidade universal
auxilia a se entender e comprometer com toda a forma de luta
e se preciso for, doando a própria vida.

NB5

- O grande desafio enquanto formadores é saber minimizar a distância.
- Comunicar depende do empenho das duas partes.
- A comunicação popular se faz em qualquer lugar.
- A forma de tradução pode trazer resultados positivos ou negativos se não forem levados em conta os objetivos.
- A comunicação não se dá só como forma de linguagem, mas também com ações, expressões e exemplos.

Debate – Comunicação na Recid

Que tipo de comunicação queremos? Mecânica, tecnológica? Fazer o que a mídia maior faz, passar apenas o que é conveniente. Será que nós estamos manipulando a comunicação também?

Metodologia das Cartas pedagógicas: carta bem detalhada dizendo tudo o que aconteceu. Problemas. Estimula que todos mantenham sempre a força e o entusiasmo.

Socialização das agendas: construção de agendas comuns. Todos sabem o que está acontecendo, é só acessar o site. Fizemos um levantamento sobre que instrumento de comunicação nós temos. E que novos instrumentos podemos criar para melhorar a comunicação?

Socialização de experiências. Carrossel pedagógico: primeiro manda pro segundo, assim por diante, depois manda pro estadual. Cartas dos acampamentos pedagógicos são lidas nos encontros estaduais. Cartas viram documentos, juntadas num livro.

Carrossel da região norte: todos estados se apresentavam para os outros estados.

Rede de educadores

A construção da rede de educadores foi uma das demandas que gerou a construção do CFES, apontada na IV Plenária do FBES, sendo debatida e construída pelo movimento nos últimos anos. Um diagnóstico que estruture os trabalhos da rede para maior autonomia e fortalecimento são fundamentais nesta etapa de finalização do projeto. O último dia da oficina (sexta-feira), trouxe a discussão das redes a partir das questões:

- Qual a necessidade de criação da rede ou organização coletiva?
- Quais os princípios e valores para a construção da identidade coletiva?
- Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?

Nordeste

Qual a necessidade de criação de Rede ou organização coletiva?

Sempre existiu a necessidade no movimento de ES da criação de rede, e o fomento para a atuação desta rede foi feito a partir do projeto CFES porque queremos a formação permanente.

Para a organização precisamos avançar na comunicação, assumir os compromissos, tendo o cuidado com o acúmulo de representação. Desenvolver uma formação articulada dentro e fora do movimento de Economia Solidária.

Estamos organizados para atender os editais públicos e ocupar os espaços.

Identificar os princípios e valores para a constituição da identidade coletiva

- Precisamos ter uma linha de orientação pedagógica e modelo de sociedade para constituir a identidade coletiva dos educadores.
- Resgate da valorização cultural baseado nos princípios da Economia Solidária, garantindo a participação e respeitando as diversidades e pluralidade.
- Trabalhar o indivíduo em sua individualidade e coletividade, fortalecendo as relações humanas e consequentemente os princípios da vida.
- Estabelecer o processo de sensibilização para que os educadores se sintam educadores.
- Partilhar no interior do coletivo as diversas experiências de formação, buscando a auto formação dos educadores, promovendo a troca de saberes.

Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?

- A sensibilidade dos princípios da educação popular e da economia solidária;
- Trabalho cooperativo;
- Desejo de transformação do mundo;
- Iniciativa coletiva;
- Sustentabilidade econômica, ambiental e social.
- Visão política do mundo.

Sul

Qual a necessidade de criação de Rede ou organização coletiva?

Continuidade ao coletivo, formação de novos formadores com autonomia diante de projetos do governo, comprometidos, desenvolvimento de uma linguagem popular.

Identificar os princípios e valores para a constituição da identidade coletiva

Partir da prática para retirar os princípios: horizontalidade, comprometimento, respeito, mudança parte do próprio indivíduo, abertura para os novos, afinidade dos sujeitos. Divisão de tarefas, avanço na coletividade.

Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?

Protagonismo, organicidade e fortalecimento do movimento.

Sudeste

Qual a necessidade de criação de Rede ou organização coletiva?

Constituir uma referência na formação. Construção do PPP da e para a economia solidária. Necessidade de se constituir uma referência para o movimento na parte de formação do movimento e para o movimento. Integração a outras redes é importante, mas é importante ter um rede específica para os nossos assuntos.

Identificar os princípios e valores para a constituição da identidade coletiva

Os princípios da educação popular e da economia solidária. A militância – tendo consciência da situação, vai buscar mudar isso.

Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?

Compromisso militante, influenciar para que a situação mude, formação política. Militância na economia solidária e militância política – CFES é formação essencialmente política. Por mais que não tenhamos um consenso, sabemos que é necessário mudar a situação. “Queremos quebrar os ovos, depois decidimos se vai ser de chocolate ou de morango”

Norte

Qual a necessidade de criação de Rede ou organização coletiva?

Fortalecimento enquanto sujeitos e de nossa base e coletivo. Através da formação continuada do projeto político.

Identificar os princípios e valores para a constituição da identidade coletiva

Da economia solidária, educação popular

Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?

Trabalho na base, poder popular e articulação.

Centro-oeste

Qual a necessidade de criação de Rede ou organização coletiva?

Compartilhamento de informações, vivências, situações. A partir das peculiaridades o que podemos juntar e aproveitar disso, do bem comum.

Identificar os princípios e valores para a constituição da identidade coletiva

Organização em rede, explicitados no PPP elaborado coletivamente; comissão de ética interestadual. Afinidade de valores específicos – organização em rede facilita isso, espelhado na experiência do próprio projeto, que é um sucesso.

Quais as afinidades entre os sujeitos da rede?

Para o cultivo dos valores a organização em rede favorece; Utilização do termo: educadores.

Planejamento de Atividades - Rosângela

O último dia teve como complemento a fala de Rosângela Goes sobre o planejamento de atividades. Foi reforçada a necessidade de planejar e ter objetivos claros para utilizar os elementos e parcerias que fortaleçam o movimento, "se não soubermos o que é formação política para a economia solidária poderemos formar para a microempresa, para coisas que não nos identificam, é necessário identificar as forças de integração, e forças que não devemos estar ao mesmo lado, mas em disputa", destacou Rosângela do CFES Centro-Oeste. Neste sentido, também é fundamental compartilhar o poder para que haja sustentação do movimento, visto que a cooperação é também uma estratégia política de organização.

Rosângela ainda alertou: "PPP não é o produto final. O que importa é o processo formativo durante a sistematização."

Sobre o comércio justo, ela questionou: "Temos muita gente consciente? Ou tem outro motivo? Porque Dilma fala tanto de miséria? Temos que entender essas conjunturas. O que acontece na minha cidade tem a ver com o contexto global."

A fala de Rosângela está sintetizada no arquivo anexo: "Planejamento de atividades".

Avaliação

A metodologia de avaliação foi conduzida pelo Núcleo Base 3. Durante o evento, houve 3 momentos de avaliação: no segundo dia pela manhã, no quarto dia pela manhã, e a avaliação final.

A primeira etapa foi conduzida através do preenchimento de tarjetas pelo núcleo base. Já a segunda etapa foi feita com base nos resultados da primeira. Foi solicitado que se avaliasse a evolução dos aspectos elicitados na primeira etapa.

Para a avaliação final, foi feita a seguinte dinâmica: a equipe do NB3 escreveu bilhetes contendo temas e os colocou dentro de balões. Os balões foram enchidos e os participantes foram convidados a brincar com os balões. À medida em que iam estourando, formaram-se grupos espontâneos para fazer as avaliações de acordo com o tema escrito em cada papel. Após a discussão dos grupos de 3 a 4 pessoas, o resultado foi apresentado na planária. Cabe acrescentar que esta foi a última atividade do seminário, e teve que ser conduzida com certa pressa devido ao horário da partida.

Seguir, uma síntese dos três momentos.

1a Etapa - Terça de manhã

Infraestrutura

- Pessoas perdidas no aeroporto – ter mais cuidado
- Falta de comida – café mais forte
- Compromisso e abertura com as tarefas de casa
- Estranhamento normal dos novatos com a metodologia e regras da casa

Metodologia

- Positivo: a apresentação das tarefas intermódulos, a ideia de anjo e não ter atividade na noite do primeiro dia;
- Negativo: ausências e atrasos nas atividades
- Descanso ao chegar – pesado para quem viajou muitas horas – foi decidido em maioria que seria melhor continuar e terminar mais cedo
- Atividade foi produtiva – pacto de convivência, expectativas, divisão em NB, apresentação dos grupos
- Negativo: disciplina – tempos de fala desrespeitados – divisão por regiões é complicada – também foi consenso
- Região ou estado: sugestão de recurso do CFES para oficinas estaduais
- Esforço e força de vontade apesar do cansaço
- Consenso nas tomadas de decisão
- Esforço de integração e estreitamento das amizades
- Mística divertida

Disciplina

- Rodamos muito no toco
- Saída pro mercado fora do combinado gerando atraso
- Dificuldade com a disciplina consciente

2a Etapa - Quinta de manhã

Disciplina

- Negativo: disciplina e pacto de convivência

Infraestrutura

- Negativo: alimentação

Metodologia

- Negativo: tempo para debate e exposições / comunicação fóruns/fbes
- Positivo: metodologia (participativa); diagnóstico (dos fóruns); debates
- Deixamos no levar pelo momento de emoção e esquecemos de debater o que fazemos nas bases
- Muito tempo para palestras dos “professores”; pouco tempo para debate; importância excessiva para os palestrantes.
- Fala da tiana foi essencial, pois muita gente que tá na militância há muito tempo não sabe como funciona o FBES.
- Espanhol: dificuldade para compreender; estamos preparados para escutar? Como educadores, temos que interagir, aprender outras línguas.

Avaliação Final

Distribuição de tarefas

Os participantes saíram muito da sala. A distribuição de tempo foi ineficiente. Houve muita ajuda internúcleos. Sugestão: mudar o núcleo de animação.

Relacionamento e entrosamento do grupo

Mais rico em relação ao primeiro módulo; Cuidado com os anjos contribuiu para enriquecimento; O fato de nos conhecermos mais ajudou muito; A metodologia dos NBs contribuiu muito; A simpatia inerente a cada um foi o que fez a diferença

Distribuição de Tempo

Distribuição de tarefas e conteúdos: Ótimo; Compromisso por parte dos participantes; Regular. Foi concedido espaços de falas e conteúdos que não estavam na programação .

Aprendizado e compromisso

Planejar coletivamente com abordagem simples para ações complexas; Aprendemos a conhecer mais a ES; Trabalho de base; Como funciona a sociedade (capitalismo); Processo pedagógico.

Coordenação

Faltou das retorno da coordenação aos NBs; Faltou tempo para as atividades de coordenação.

Presentes

Dar presentes dos empreendimentos aos palestrantes foi bom. Ornamentação da festa foi boa. Poesias e músicas como presentes são ótimos.

Alimentação

Variedade do cardápio ruim para pessoas que têm restrições médica. Hora certa e rígida ajudou a disciplina.

Pacto de Convivência

Apenas parte foi cumprido. Falta de cumprimento do horário na volta dos intervalos

Atividades Pré-Módulo

A comunicação foi muito ruim. Apenas uma região fez a tarefa no Cirandas. Avaliação do primeiro módulo não foi feita. Coordenação não recebeu retorno.

Método Avaliativo

Foi Dinâmico na maioria das vezes; quadro do segundo dia foi muito interessante, porém demorado. O quadro, apesar de demorado, permitiu que a gente refletisse sobre os erros e a falta de cumprimento dos acordos, o que atrasou a programação bastante.

Infraestrutura

Refeitório/ Auditório muito bons. Alguns quartos tinham apenas banho frio.

Participação nos debates

Melhorou em relação ao primeiro módulo.

Núcleos de Base

A distribuição da tarefa por núcleo foi desigual. Houve maior participação dos indivíduos. Houve interlocução entre os núcleos. Alguns núcleos foram positivos para o processo, ajudando nos informes com mais interações

Não houve um cuidado com a sala como haviam proposto (núcleo de infra-estrutura). Houve apoio internúcleos, aonde alguns participantes de outros núcleos ajudaram em outros núcleos de base. O núcleo de animação/criatividade foi desnecessário.

O que aprendemos

Precisamos discutir o capitalismo antes de discutir economia solidária; Leitura sobre trabalho de base foi importante. As contradições de outros movimentos que nos permitem refletir melhor. É fundamental conhecer mais os movimentos, percebê-los desde as bases. Percurso pedagógico foi importante.

Sugestões

Repensar o trabalho dos NBs: quais os necessários? Como incorporá-los efetivamente na metodologia? Temos que reforçar a necessidade de realizar os compromissos assumidos.

É necessário pensar em dinâmicas para avaliação coletiva. Precisamos nos dedicar à comunicação entre educadores.

Conclusão / Encaminhamentos

Continuação do CFES

Foi feita uma reunião específica para avaliar o projeto CFES e pensar nas alternativas de continuação, já que o projeto acaba no final de 2011, com aditivo de 6 meses.

Avaliação do CFES

- Avaliação positiva de todos os participantes, é um dos únicos projetos nacionais que fortaleceram a nossa base, nossos fóruns locais e tem que ter continuidade.
- É um dos únicos projetos que chegou na ponta e fortaleceu a nossa base.
- Permitiu a concretização de parcerias e articulações nos estados e municípios.
- SE: ocorreu sem um espaço físico, uma sugestão seria ter um espaço físico ou virtual, por outro lado as pessoas não utilizam os espaços virtuais disponibilizados (site do Cfes Nacional).
 - Teve capilaridade em todo o país, é questionável sua organização ser por região.
 - Teve mais força que a estrutura do fórum, é determinante para os próximos passos do movimento
 - O CFES embora regional se estadualizou, isso é um indicativo para a continuidade
- S: Tem que ter mais compromisso dos educadores, houve muita rotatividade e responsabilidades que não foram cumpridas.
- N: foi o primeiro projeto que permitiu a integração do norte, possibilitou amarrações políticas que antes não existiam, e foi avaliado que não temos que nos adequar as políticas públicas, mas sim incidir nas políticas públicas. **Podemos pensar numa cooperativa de educadores?**
- Foi precipitado criar uma rede com poucas pessoas e ainda imatura, vamos olhar para os acúmulos e refazer caminhos.
- Vamos discutir qual o projeto de educação que nós queremos, o PPP pode ser o espaço de afirmar qual o nosso projeto. Qual o espaço do fórum que discute estes aspectos? O FBES precisa criar o seu GT de formação
- CFES é espaço de formação de educadores, mas há também a demanda de formação junto aos EES, que tem que ser compromisso dos educadores
- CFES é para o fortalecimento do fórum, contribuindo com a base. Não tem que competir com os fóruns ou ser um espaço político e deliberativo.

Alguns projetos aprovados recentemente colocaram a continuidade de atividades de formação, o que mostra o compromisso da nossa base em continuar com a caminhada de formação. É importante destacar que os projetos estão com atividades de oficinas locais prevendo a continuidade do CFES com os cursos estadual, regional, local e nacional.

- Esse projeto é uma conquista nossa, convergiu os atores da economia solidária e de outros movimentos. Temos que assumir que é uma conquista nossa.
- Pensar a partir de agora com os pés mais no chão, com a prática já realizada

Indicativos e sugestões de continuidade

Geral e metodológico

- Dar continuidade aos trabalhos na formação de formadores
- NE: A coordenação ficar mais tempo no estado, conhecer mais a realidade do estado e das experiências
- Melhorar e pensar o método do nosso trabalho
- Articulação mais clara com os outros movimentos, que possam contribuir com a nossa formação, aproveitando os acúmulos das organizações sociais, como MST, Recid, ANA, etc
- S: Pensar além das universidades para pensar nas metodologias e organização
- Fazer a continuidade com os educadores/as que já estão na caminhada, contratar quem já está atuando
- Ter maior organização das informações, dos dados, das fichas, etc

Articulações

- Dialogar com os projetos que já ocorrem nos estados, não pode ser pensado isoladamente, tem que estar em diálogo com o que ocorre nos estados e municípios
- Manter a articulação por região já construída e avançar
- Consolidar a rede de educadores/formadores: ter atividades para a rede de educadores, construindo algo que possa se tornar independente do governo
- Aperfeiçoar o controle social dessa construção, planejamento articulado com o movimento, com os fóruns locais

Estrutura/ Recursos

- Tem que remunerar o trabalho do educador/a, do administrativo, da mobilização e pedagógico por estado, ou seja, a descentralização do recurso do regional para o estadual.
- Garantir recurso para a participação dos EES (hospedagem, transporte e alimentação) em todas as atividades, isso porque em alguns locais não houve a viabilização destas gastos.
- Prever recurso para os encontros dos micro-coletivos e para o material didático e pedagógico (livro, filme, cd, cartilha, apostila, publicações, etc)
- Ter estrutura por estado, seja física ou virtual, sem perder de vista a articulação regional
- Conseguir viabilizar uma estrutura mínima de trabalho, como máquina fotográfica, computador, data show e filmadora

Conteúdos

- Ter formações mais políticas, dos EES como classe trabalhadora, do marxismo, etc, trazendo os debates das Oficinas Nacionais
- Aprofundar conteúdos e trazer novos conteúdos, como agroecologia, gênero, SAN, etc
- Fortalecer o projeto político pedagógico
- Avançar nas demandas concretas dos EES, como contabilidade, licitação, captação de recursos, etc

Terceiro módulo

Durante os debates, ficou clara a disposição dos participantes em realizar um terceiro módulo da formação política. Não há mais recursos para isso no CFES, mas os participantes, assim como o FBES, se comprometeram a pensar em alternativas.

Uma ideia foi realizar o terceiro módulo durante o Fórum Social Temático, em POA.

O papel do educador na mediação de conflitos

Em diversos momentos, a questão dos conflitos dentro dos fóruns apareceu como elemento que impede o desenvolvimento e desperdiça energia que poderia ser gasta em atividades de promoção da economia solidária.

Diante disto, foi manifestado interesse em uma formação específica para mediação de conflitos, entendendo que esse é um papel dos educadores dentro dos fóruns.

Outros Temas

Flavian Mello

Flavian Mello, da Cooperativa Quitumbe, em Quito no Equador, escreveu um livro chamado “Economia Solidária ou Solidariedade na Economia”. Ele falou sobre Economia Solidária e o que motivou a escrita do livro.

“Podemos dizer que a Economia Solidária nasceu no Chile. O primeiro encontro foi em Concepcion, mas Pinochet quase acabou com essa história.

O cooperativismo apareceu com força na Colômbia. A economia solidária vem antes disso. 2500 anos atrás, Platão estabeleceu uma forma de organizar a sociedade. Uns sábios governavam, e o resto eram os governados, os que trabalhavam. Até certo ponto é bom, encarregamos uns do governo, e os outro trabalham. Mas quem governa acumula mais, e os governados ficam cada vez mais pobres. Isso obviamente não funcionou.

Eu venho dos setores populares. Depois do básico, meu pai disse: “não posso mais te dar educação”, e tive que ir trabalhar. Fui dirigente dos operários têxteis. Por meio dos sindicatos me vinculei à questão política. Quando muito jovem, fui dirigente político, e encontrei um problema. A grande parte dos dirigentes eram universitários ou pequenos burgueses. As reuniões eram longas, até as 3 ou 4 da manhã, nos bairros centrais, e eu tinha que voltar pros bairros populares pra acordar as 6.

Por que havia nos partidos político gente da pequena burguesia? A revolução se faz com o povo, com os trabalhadores. Se faz aqui. Fui me distanciando, não ideologicamente, mas praticamente. Se queremos realmente construir uma organização que transforme a

sociedade, tem que ser aqui. Se diz muito do poder popular, mas não havia.

Governo não é poder. Chegar ao governo, e daí criar o poder. O poder não é uno: é econômico, político e cultural. E se queremos construir poder popular, temos que construir organização popular e criar poder cultural, política.

Construir pela esquerda partidos era construir apenas poder político. Nos dedicamos a construir política ou poder popular?

Começamos a trabalhar nos assentamentos – invasões – “la lucha de los pobres”. 5000 mil pessoas tomavam terras abandonadas. Organização reivindicativas iriam chegar a revolução. A luta por moradia, por terra, é por necessidades básicas. Chegamos a conclusão de que não era apenas a luta reivindicativa, porque assim a pessoa teria seu lote e ficaria acomodada.

Teríamos que construir consciência. Encontramos a economia solidária. Teríamos que mudar as condições ecológicas, espirituais e comunitárias. A economia solidária nos levou a isso.

Estávamos esperando que alguém viesse e escrevesse sobre isso. Muitas pessoas escreveram sobre a economia solidária, mas sempre a partir da universidade. Diante disso, não nos restou outra alternativa senão nós mesmos contarmos nossa história.

Platão não funcionou. Dissemos: não. No mundo inteiro a gente diz: basta; estamos fartos dessa situação. Não podemos ser prepotentes. Temos que mudar primeiro a nós mesmos. Se nós não mudarmos, não esperamos que nada mude. E não esperamos que os outros mudem. E quando nós mudamos, mudam nossas organizações, nossas comunidade, e muda tudo.

Não é uma receita. Isso nos serviu. Para nós, economia solidária não é sacrifício. É criar todos os dias, ser fundamentalmente criativo. Quando vamos comprar no mercado 10 quilos de batata, ela dá um pouco a mais. E dá a oportunidade de ser feliz. Fizemos muitas coisas.”

Reunião do FBES

Na terça-feira à noite, foi realizada uma reunião do Fórum Brasileiro de Economia Solidária. Tiana, que faz parte da coordenação executiva, lembrou que o fórum somos todos nós, e portanto deveríamos aproveitar estes espaços para socializar o andamento e as questões que vêm sendo debatidas nesta instância do movimento.

Tiana colocou as decisões mais importantes da última reunião da coordenação nacional. Lígia apresentou a Campanha pela Lei da Economia Solidária, e os educadores colocaram o andamento da campanha em seus estados. Um município do Rio Grande do Sul já conseguiu atingir a meta de assinaturas.

A campanha pela lei segue em duas frentes: a coleta de assinaturas para apresentação de um projeto de lei de iniciativa popular, e a apresentação da lei através de uma comissão legislação participativa.

Outro assunto que vem sendo debatido é a conferência Rio+20, que será realizada em 2012. Pelo fórum, estão acompanhando o debate Adriana Bezerra (RJ) e Andréia Mendes (RO). A conferência será dominada por dois assuntos: economia verde e governança para o desenvolvimento sustentável.

A avaliação é de que ambos representam apenas falsas soluções para os problemas ambientais, como forma de maquiagem os efeitos perversos do capitalismo sobre a natureza. Portanto, uma conferência paralela está sendo montada pelas organizações, inclusive o FBES.

Foi alertado ainda que há uma consulta pública sendo feita pelo Ministério do Meio Ambiente. Maiores informações em: <http://hotsite.mma.gov.br/rio20/>

Tiana anunciou ainda a saída de Daniel Tygel da secretaria executiva do FBES.

Campanha Pela Lei da Economia Solidária

Durante a reunião do FBES, fez-se uma avaliação de como anda a coleta de assinaturas pela lei da Economia Solidária em cada estado.

Sudeste

MG: vão fazer a coleta na próxima feira, 24, 25 e 26 em Belo Horizonte: Praça da Assembleia, bairro Santo Agostinho

SP: farão a coleta nas escolas

RJ: ocorreu coleta em Rio das Ostras, será feita a coleta durante o próximo evento no Soltec/UFRJ

ES: cada fórum local e rede está se mobilizando, a grande luta é receber a folha de volta e completa, já estão utilizando a estratégia de pegar o nome da mãe e buscando na TRE. Estão colocando a responsabilidade também com os gestores

Nordeste

MA: estão aproveitando as feiras territoriais com ponto de coleta de assinaturas, fizeram uma reunião para traçar estratégias e haverá reunião com as federações e sindicatos para que também colem assinaturas. Também vão fazer contato com as universidades, aproveitando os eventos e encontros UFMA. O processo ainda está lento, estão fazendo o levantamento de quantas assinaturas já foram coletadas e definiram uma entidade que irá concentrar todas as assinaturas. Secretaria Estadual do Trabalho (Sistema Nacional do Trabalho) se comprometeu na coleta e haverá um funcionário permanente com a coleta

SE: já fizeram coleta e definição dos pontos de coleta. Proposta de aproveitar o cadastramento do título

CE: fizeram coleta em alguns momentos, como Grito dos Excluídos e Seminário do SNCJ e tem pontos de coleta estratégicos, mas ainda não sabe quanto foi coletado, já distribuíram o material

PI: Walmira está fazendo a coleta, numa das coletas descobriram pessoas que nem a certidão de nascimento as pessoas têm, sendo aguardado a obtenção do título destas pessoas para depois fazer a coleta. A Recid está atuando na campanha também

BA: a mobilização está ocorrendo nos territórios com material impresso pelas ITCPs e Universidades; os EES estão mobilizando a comunidade, igrejas e coletivos

PB: o Gt do marco legal tomou frente pela mobilização, a dificuldade foi ter um espaço para se organizar, dialogaram com a SRTE que está fazendo as xerox e já tem 2000 assinaturas. O principal local de coleta é na própria SRTE, devido ao fluxo de pessoas, porque as pessoas já vão com a pastinha para resolver seus problemas. Fica uma pessoa na mesa coletando e uma explicando, sendo que num período coletaram 300 assinaturas. A caritas ajudou na passagem dos militantes que coletam. Também coletaram nas feiras. Haverá 3 feiras de troca que fará a coleta: 28/10 UFPB das 14h às 19h, org: Instituto Amazonas/ 12/11 Comunidade São Rafael/ 1a quinzena de dezembro Feira Estadual Org: FEES-PB. Com parcerias estão atuando

PE: fizeram a coleta em algumas feiras itinerantes. Haverá o lançamento da campanha, estão com parcerias para reproduzir o material

RN: se dividiram por região e cada região está fazendo a coleta, em contato com as igrejas

AL: fizeram na reunião de planejamento do fórum, a Cáritas vai assumir a organização no estado, ainda é um desafio fazer com que os educadores debatam este tema. Foi feito diálogo com o MST para que abrace a causa, e será feita parceria junto a coordenação do fórum

Centro-Oeste

GO: foi feita a distribuição dos adesivos, ainda está devagar a coleta

MT: iniciaram em 2009, o Centro de Comercialização é um dos pontos, além da coleta nos cursos do CFES, sendo trabalhado também o conteúdo da lei nos cursos. Maior número de assinaturas feita pela comunidade indígena Xavante.

MS: começaram nas igrejas e paróquias, além de trabalho com setor público para apoio na reprodução

Sul

RS: aproveitaram a festa do farroupilha, já existe muitas assinaturas, falta juntar a coleta, em POA está fazendo a coleta. Uma dificuldade é dos fóruns reproduzirem o material pela falta de recurso, acham que o mais importante é fazer a coleta do que reproduzir o material

SC e PR: tiraram pessoas com esta responsabilidade, Jackeline e Keiko ficaram de passar maiores informações

Norte

RR: não sabe como está

RO: haverá um lançamento na próxima plenária, já distribuíram os materiais e realizaram algumas coletas. Entregaram para cada gerência o formulário e cópia da lei. Há parceria com organização indigenista, os Suruis já estão com o material para mobilizar mais de 1000 famílias. A CPT também está interessada

PA: aproveitaram a Conferência do estado, o fórum de empreendedores está se mobilizando, e irão marcar reunião para organizar o trabalho

AP: iniciou em 2010, depois do lançamento se reuniram para organizar uma nova estratégia, mídia, escolas, e cada município se responsabilizou

AM: começaram coleta tímida porque ainda não fizeram o lançamento no estado, uma comissão buscou parceria e irá reproduzir o material, 15/11 coleta durante a feira municipal em São Gabriel da Cachoeira. Haveá lançamento estadual dia 15 de dezembro, durante a Feira Estadual, no calçadão do Distrito Federal. (não divulgar o local ainda)
Ponto de Coleta: SRTE e Sine Amazonas

TO: irão mobilizar no curso da UFT, com distribuição dos materiais. Cada fórum ainda precisa ver suas estratégias.

Cáritas

A Cáritas Brasileira é co-autora, além do apoio de outras cáritas regionais, além disso irão aproveitar o Congresso Nacional da Cáritas.

A coordenação executiva assumir a articulação da campanha junto a CNBB e OAB.

Apêndice

Vídeos Exibidos

- Calle 13 - Latinoamérica - <http://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8>
- Consumo Solidário: Cadeias Produtivas na Economia Solidária - http://www.youtube.com/watch?v=Y_YMBUyk3_k
- Comércio Justo e Solidário: Sistema Nacional do Comércio Justo e Solidário: <http://www.youtube.com/watch?v=KtYQH7h9NBs>
- Pontos Fixos: Estratégias de Comercialização Solidária: <http://www.youtube.com/watch?v=EEk4tYpFBFk>
- Eduardo Galeano na praça Catalunya – 15M - <http://www.youtube.com/watch?v=mdY64TdriJk>
- Vídeo da Feira de Santa Maria: http://www.youtube.com/watch?v=4_L22Y2jVTg

A Internacional

De pé, ó vítimas da fome
De pé, famélicos da terra
Da ideia a chama já consome
A crosta bruta que a soterra
Cortai o mal bem pelo fundo
De pé, de pé, não mais senhores
Se nada somos em tal mundo
Sejamos tudo, ó produtores

Refrão

Bem unidos façamos
Nesta luta final
Uma terra sem amos
A Internacional

Senhores, Patrões, chefes supremos
Nada esperamos de nenhum
Sejamos nós que conquistemos
A terra mãe livre e comum
Para não ter protestos vãos
Para sair desse antro estreito
Façamos nós por nossas mãos
Tudo o que a nós nos diz respeito

Refrão

O crime de rico, a lei o cobre

O Estado esmaga o oprimido
Não há direitos para o pobre
Ao rico tudo é permitido
À opressão não mais sujeitos
Somos iguais todos os seres
Não mais deveres sem direitos
Não mais direitos sem deveres

Refrão

Abomináveis na grandeza
Os reis da mina e da fornalha
Edificaram a riqueza
Sobre o suor de quem trabalha
Todo o produto de quem sua
A corja rica o recolheu
Querendo que ela o restitua
O povo só quer o que é seu

Refrão

Nós fomos de fumo embriagados
Paz entre nós, guerra aos senhores
Façamos greve de soldados
Somos irmãos, trabalhadores
Se a raça vil, cheia de galas
Nos quer à força canibais
Logo verás que as nossas balas
São para os nossos generais

Refrão

Pois somos do povo os ativos
Trabalhador forte e fecundo
Pertence a Terra aos produtivos
Ó parasitas deixai o mundo
Ó parasitas que te nutres
Do nosso sangue a gotejar
Se nos faltarem os abutres
Não deixa o sol de fulgurar

Refrão

Hino do MST

Letra: Ademar Bogo
Música: Willy C. de Oliveira

Vem façamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Refrão:

Vem, lutemos punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular

Braços Erguidos ditemos nossa história
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores!

Refrão

Nossa Força regatada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

Refrão***Lista de Siglas***

CFES – Centro de Formação em Economia Solidária
ENFF – Escola Nacional Florestan Fernandes
ES – Economia Solidária
EES – Empreendimento de Economia Solidária
FBES – Fórum Brasileiro de Economia Solidária
FEES – Fórum Estadual de Economia Solidária
NB – Núcleo-Base
PPP – Projeto Político-Pedagógico
SAN – Segurança Alimentar e Nutricional
SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária

Poesias feitas no encontro

*Cordel de Edigar Abençoado, da cidade de Coronel Ezequiel/ Região do Trairí
Estado do Rio Grande do Norte/Brasil
edigarabençoado@gmail.com
BLOG: edigarabençoado.blogspot.com
55 (84) 8887 2932*

Meus amigo e amigas
Todos ecossocialistas
Povo amável e alegre
Verdadeiros artistas

Juntos estamos militando
contra o sistema capitalista

esta formação ficou marcada
pelo amor e a união
por todos esse trabalho
realizado neste salão
e a forma de trabalhar
com muita dinamização

tivemos gente simpática
que veio nos ajudar
a nossa querida Lídia
esteve sempre a cantar
ainda teve a Rádio Cipó
que todos amam escutar

dentro desta avaliação
ainda quero mostrar
as missis da Ecosol
que estão a mediar
esta formação política
neste belo e linda lugar
Ligia, Tatiana e Rosana
trazendo sempre um brilho no olhar

Ainda tivemos Sandra lopes
vinda lá do Equador
dotada de riso e beleza
um coração cheio de amor
mas uma verdadeira guerreira
ao lado de um povo lutador

Recebemos Fabian melo
outro valente guerreiro
Outro equatoriano
escreveu um livro verdadeiro
solidaried en la economia
apresentou para os brasileiros
assim vamos unindo nossas forças
fazendo um trabalho pioneiro

Vou ficando por aqui
Me despedindo deste povo forte
Representantes de todos estados do Brasil
Desde a região Sul a região Norte
Sudeste, Centro-oeste e Nordeste
Povo que não reclama da sorte

Eu sou do Rio Grande do Norte
Terra dos povos potiguares
Dona de lindas paisagens e sol

Belas salinas, praias e mares
A cultura corre nas veias
De nossos amáveis familiares

Obrigado as outras nações
Que nos visitam com amor
E este povo amável
Vindo lá do Equador
Nas pessoas de Fabian e Sandra Lopes
Povo forte e lutador

finalizo este cordel
um pouco emocionado
grato ao criador
por ter nos oportunizado
A vinda destes equatorianos
Que abrilhantaram nosso trabalho
aceitem um forte abraço
de Edigar o abençoado

SEMEADOR POPULAR

*Leonise Nichele Pereira – Gestora Pública - Viamão / RS
Feita em 21/10/2011, às 08:40 na ENFF - Guararema / SP
Semeadora Popular do Coletivo de Semeadores do RS
CFES SUL – Centro de Formação de Formadores em Economia Solidária da Região Sul*

Peço apenas um pouco de atenção
Para os versos que vou falar
Não escrevo para qualquer pessoa
Escrevo para um educador popular

Aquele que realiza seu trabalho na base
Com a linguagem que melhor se adaptar
Seja teatro, seja verso, seja música...
O importante é socializar

O conhecimento, na troca de saberes
Paulo Freire já dizia
Somos educadores e aprendizes
E fazemos isso com alegria

A emoção está em saber
Que a dignidade dos sujeitos, queremos destacar
Almejando um despertar de consciência
Para a realidade transformar

Nossa força está no saber
De que pouco sabemos, mas queremos aprender
O conhecimento do outro
Também nos faz crescer.

Ansiamos por liberdade
Por trabalho e cooperação
Pelo meio ambiente sustentável
Pela solidariedade e autogestão

Saímos desta aprendizagem
Com mais acúmulo de saber
E nos reconheceremos pela prática
Do dia-a-dia do nosso viver

Da ENFF deixamos saudades
Mas levamos conhecimento e desejos reais
Na certeza que assim como aprendizes
Somos semeadores que lutam por mesmos ideais!

Poesia para Daniel

Por Jakeline

Voa voa passarinho, voa voa
Leve nossas sementes, plante
Aí o verde amarelo dos nossos sonhos

Sonhos globais, locais, reais...

Leve nossos braços e distribua abraços
Leve nossas mãos e que elas encontrem outras mãos
seremos assim unidade e identidade

vamos juntos, estamos juntos e somos um só

QUE PAÍS É ESTE?

Affonso R Santanna

Povo não pode ser sempre o coletivo de fome.
Povo não pode ser um séquito sem nome.
Povo não pode ser o diminutivo de homem.
O povo, aliás, deve estar cansado desse nome,
embora seu instinto o leve à agressão
e embora o aumentativo de fome
possa ser revolução.